

A peia de todos e a peia de cada um

Leandro Okamoto da Silva

O texto a seguir é o quinto capítulo de minha dissertação de mestrado, *Marachimbé chegou foi para apurar. Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia, no culto do Santo Daime*. Inseri no corpo do texto o índice da obra de forma a, por um lado, posicionar o capítulo apresentado em relação aos demais e, por outro, estimular o leitor a conhecer a obra completa. Por isso, não fiz quaisquer alterações no conteúdo ou forma do capítulo apresentado.

É necessário, entretanto, uma breve introdução da “peia”. Entende-se por peia qualquer efeito ou sintoma desagradável sentido pelo sujeito sob o efeito da ayahuasca, ou daime. Ela está mais diretamente relacionada aos efeitos purgativos do chá, como diarreias e vômitos, mas pode tomar contornos bastante amplos dependendo da experiência e do sujeito como, por exemplo, a dificuldade em se cantar durante os rituais, tonturas, confusão mental, ou mesmo quando não é sentido qualquer efeito da bebida.

É importante destacar que a peia não é um fenômeno inerente à bebida. Em outros contextos de consumo da ayahuasca, os efeitos do chá são significados e representados diferentemente. Entendo que embora a peia seja constituinte da própria experiência religiosa com o chá (um contato com o “sagrado”) e, portanto, não apreensível em sua totalidade, essa experiência ocorre e transcende o ritual, incrementa e modifica a visão de mundo do indivíduo e do grupo com base nos preceitos dos fundadores e principais líderes e se constitui, assim, em um produto cultural.

O capítulo em questão faz a análise da peia a partir da tensão entre as dimensões coletiva e individual do culto. A partir do coletivo, a peia pode ser entendida como uma eficaz ferramenta de coerção que busca, em última instância, a ordenação simbólica e doutrinação dos fieis em torno dos valores e crenças da religião. Enquanto vivência pessoal e idiossincrática, a peia participa ativamente no processo de cura na medida em que “desvela” conteúdos inconsciente e auxilia em sua integração. A peia encontra-se na liminaridade dessas duas dimensões, ela surge

do choque entre o coletivo e o individual, por um lado reforçando e revalidando a tradição e, por outro, modificando-a na medida em que os processos individuais incrementam o dinamismo simbólico e sincrético, ou eclético, do culto.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	pg. 01
PARTE I - As andanças do povo de Juramidam	
Capítulo 1. Status Quaestionis - O estado da questão	pg. 09
Capítulo 2. Da floresta para a cidade	pg. 17
2.1. O processo de ocupação e a religiosidade amazônica até o século XX	pg. 18
2.2. A formação do Santo Daime	pg. 28
2.3. De Raimundo Irinru Serra à mestre Irineu	pg. 43
Capítulo 3. Da cidade para a floresta e sua expansão	pg. 57
3.1. O CEFLURIS	pg. 57
3.2. Sebastião Mota de Melo, o padrinho Sebastião	pg. 62
3.3. O espiritismo daimista	pg. 87
PARTE II – A peia veio para apurar	
Capítulo 4. A peia e seu imaginário	pg. 92
4.1. A peia	pg. 92
4.2. A peia no salão	pg. 102
4.2.1. O salão	pg. 102
4.2.2. A visibilidade e coletividade da peia	pg. 103
4.3. As entidades justiceiras	pg. 114
Capítulo 5. As funções da peia	pg. 123
5.1. Análise do caráter ordenatório do ritual	pg. 123
5.2. Alguns tipos de peia recorrentemente relatadas	pg. 132
5.2.1. Peia por não se preparar adequadamente para o trabalho	pg. 132
5.2.2. Peia de pensamento	pg. 138
5.2.3. Peia pela desatenção	pg. 141
5.2.4. Peia por falta de firmeza	pg. 145
5.2.5. Outros tipos de peia	pg. 148
5.3. A peia, o símbolo e a sombra	pg. 158
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pg. 174
BIBLIOGRAFIA	pg. 178

Capítulo 5

As funções da peia

Buscaremos nesse último capítulo aprofundar a análise da peia no ritual do Santo Daime a partir de duas perspectivas distintas, uma que realce as implicações sociais e comportamentais da peia e outra que nos permita acessar a subjetividade da experiência. Inicialmente sob um enfoque antropológico, buscaremos entender de que forma a peia se insere no processo ritual, através da análise do seu caráter ordenatório. Em complemento à essa análise, realizaremos uma tipologia aproximativa da peia de forma a dar maior visibilidade e profundidade ao entendimento do fenômeno. Posteriormente, recorreremos à psicologia analítica e estudos sobre a psicossomática, de forma a aprofundar o entendimento sobre a função terapêutica da peia.

5.1. Análise do caráter ordenatório do ritual

O consumo coletivo da ayahuasca no contexto estudado abre a possibilidade para a desarmonia, para o caos e a desordem, inspirados pela ação da bebida e pelas relações conflitantes existentes entre os membros da corrente. Essa "energia negativa"¹ está em tensão constante com a "força da corrente", gerada a partir da comunhão dos pensamentos em torno dos valores expressos nos hinos, pela harmonia do bailado e do canto, e pela ação eficiente dos atores que compõem a corrente e auxiliares do trabalho (fiscais). Os trabalhos são freqüentemente referidos como "batalhas

¹ Utilizamos esse termo por falta de outro mais adequado. Entendemos por "energia negativa" a soma dos esforços, pensamentos, ações, etc., contrários (por isso negativo) aos propósitos do trabalho, em desarmonia com os hinos e com o bailado.

espirituais", e seus atores, como participantes de um batalhão de "soldados da Rainha". Essa batalha representa a "doutrinação dos espíritos de pouca luz" através do autoconhecimento e aprimoramento de cada um. Todos devem buscar ter firmeza frente a seus erros, falhas e fraquezas, convertendo essa "energia negativa" em força para a corrente, força essa constituída pela união e pela harmonia. Há no ritual a polarização de diversos elementos que o compõem, e que estabelecem, entre si, uma tensão constante. Como por exemplo as relações de espaço (alas masculina e feminina, salão e terreiro, "astral" e realidade ordinária, etc.), funções rituais masculinas e femininas, dimensões do ser ("eu superior" e "eu inferior"), seres de luz e de sombra, verdade e Ilusão, sagrado e profano, etc.

A teoria de Victor sobre os processos rituais tem sido frequentemente utilizada por diversos pesquisadores do Santo Daime² para a caracterização dessa natureza ordenatória do culto. TURNER estuda os rituais de alguns povos africanos de forma a analisar a relação desses rituais com a manutenção da ordem e das tradições nesses povoados. Esses rituais harmonizam as tensões existentes entre o todo social, expresso pela tradição, pelas crenças e pelos costumes, e grupos menores ou indivíduos marginalizados³. O autor caracteriza a sociedade, denominada *societas*, como um processo dialético que alterna estados e transições numa dinâmica que parte de uma necessidade humana em participar de ambas as possibilidades. Esse processo é dividido em três componentes: estrutura, *communitas* (ou antiestrutura) e estados de liminaridade.

Para TURNER, a *estrutura* se constitui de um conjunto orgânico de relações entre posições e papéis, sujeitos a modificações mais ou menos gradativas, que persistem no tempo. No contexto daimista, esta estrutura se constitui da tradição, dos valores e crenças inspiradas nos ensinamentos de mestre Irineu, e expressos no ritual pela comunhão de todos com a bebida, no seguimento das prescrições e técnicas de êxtase, e, principalmente, pelos ensinamentos da própria bebida, ao redor da

² Destaco, entre esses pesquisadores, F.L.R.COUTO, *Op. Cit.* e E. MACRAE, *Op. Cit.*

³ V.W.TURNER, *O processo ritual.*

qual gira a cerimônia e as relações sociais entre os membros. A bebida, como já dissemos anteriormente, é entendida como um ser divino⁴. Podemos dizer que a estrutura está contida na bebida e é a própria doutrina, expressa nos ritos e nas pessoas que compõem e freqüentam o centro. Segundo COUTO, *a prática ritual dá existência social ao mundo cósmico-espiritual, relacionado com o sistema ideológico que tem como idéia principal o "Império Juramidã⁵" e que, durante a performance ritual, é intensamente vivido nesse mundo⁶*. Sob essa perspectiva, a estrutura é representada por esse "império", que representa o universo simbólico e ideológico daimista, sob o qual todos estão sujeitos, e que, segundo a crença local, rege também as vidas dos fieis.

A *communitas*, ou antiestrutura, também chamada por TURNER de "sociedades abertas", apresenta um grau superficial, ou mesmo inexistente, de estruturação onde as relações se dão entre indivíduos. Os valores e usos de uma *communitas*, assim como seu grau de organização social, determinam a sua posição em relação à estrutura. O autor classifica a *communitas* conforme essa mesma relação em 3 categorias: existencial, normativa e ideológica, estando as duas últimas inseridas na estrutura, enquanto a primeira, encontrada em grupos menores, busca a total (ou quase total) dissociação da estrutura. Para TURNER, o sentido de tempo que alimenta estrutura e *communitas* representa um ponto fundamental de ruptura entre ambas, sendo a última existente no presente, enquanto a primeira, lança suas raízes no passado e se estendem para o futuro através da linguagem, da lei e dos costumes. Isso será tão mais verdadeiro quanto menos social e culturalmente desestruturalizado seja a *communitas*. Na concepção daimista, as pessoas são constituídas de uma parte material, um "eu inferior", e de uma parte espiritual, um "eu superior". A primeira estaria relacionada com a vida dos sentidos, dos instintos e dos desejos materiais, enquanto a segunda simboliza a parcela divina que cada um trás em si. Desta forma, uma pessoa estará tão mais na

⁴ O daime é veículo para o contato com esse ser, que é a própria bebida "na terra" e um "ser iluminado" "no astral, referido como Juramidam, Jesus, o Espírito Santo, o Espírito da Verdade, etc.

⁵ Encontra-se duas possíveis grafias: "Juramidã" e "Juramidam".

"ilusão" quanto maior for sua inconsciência sobre sua dimensão divina e maior for o seu apego ao mundo material. O processo de desenvolvimento espiritual se constitui pela expansão dessa "consciência divina" através das vivências com o daime. Em outras palavras, há uma luta pelo poder entre esse "eu divino", essencialmente espiritual, e o "eu profano", pertencente à vida material e sujeito à influência do "mundo de ilusões". Não se trata, contudo, de se eliminar um ou o outro mas, ao contrário, busca-se a harmonização e hierarquização entre ambos, de forma a dar o poder ao "eu superior", que passa então a comandar o "eu inferior". Padrinho Sebastião descreve essa relação:

O momento é de unir o negativo com o positivo. Ai é que tá o espírito com a matéria, unidos! Ai, o foco cresce muito mais. Só no que é negativo, não dá luz. No positivo, só, também não dá! Tem de ligar os dois! Então ajunta todos os diabos que existe, não é? **E ajusta todos com Deus, aí está. Se for pra um lado, tem soldado vigiando, se for para outro, tem soldado também.** Então, anda direitinho na estrada para não se perder! A ordem é unir-se. O Eu Superior interno na sua casinha, na sua própria igreja, no seu próprio templo que é o corpo! Ele bem sentado, no Trono, vendo tudo!⁷

A natureza do "eu superior" é integrativa e harmonizadora enquanto a do "eu inferior" é dispersiva e desarmonizadora. O primeiro seria regido pelas leis do amor, da caridade, da união, etc., e o segundo pelo egoísmo, pela desunião, pela inveja, etc. A tensão entre essas duas categorias sugere uma analogia com o modelo idealizado por TURNER. Os valores relacionados à dimensão espiritual do ser correspondem à estrutura, e a natureza individualizada associa-se à vida profana e corresponde à antiestrutura⁸.

Conforme as palavras do Padrinho Sebastião, não se trata de eliminar uma das polaridades em tensão, e sim em uni-las. Essa união, ou comunhão, é possibilitada durante os rituais quando as ambigüidades e fronteiras entre elementos estruturais e antiestruturais são desfeitas. Segundo COUTO,

⁶ F.L.R.COUTO, *Santo Daime: rito da ordem* In: *O uso ritual da ayahuasca*, p. 353.

⁷ A.P.ALVERGA, *Op. Cit.*, p. 160.

Acrescentaríamos ainda que esses rituais, quando desempenhados, acabam momentaneamente com a ambigüidade entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens, a vida e a morte, o sonho e a realidade, Jesus e Cristo, Raimundo Irineu Serra e Juramidã ou qualquer outra ambigüidade que se estabeleça entre o aqui (terra) e o lá (mundo dos espíritos)⁹.

Essa quebra de fronteiras espaciais e temporais foi chamada, por TURNER, de estado liminar. Tem um caráter essencialmente dúbio e transitório e representa aquilo que Van GENNEP¹⁰ chamou de *margem*, onde o indivíduo ou grupo se vêem livres de suas relações sociais estruturalizantes e, por vezes, sufocantes. A liminaridade gera uma ausência de "status" e controles sociais, um limbo, e dessa forma age como harmonizador das tensões sociais. Os estudos das relações sociais e processos rituais de diversas tribos africanas e algumas urbanas, todas caracteristicamente enquadradas como *communitas*, demonstram, nas pesquisas de TURNER, a natureza harmonizadora da transitoriedade limiar, em especial para indivíduos ou grupos que se encontrem em condições de liminaridade, marginalidade e/ou estruturalmente inferiorizados. A própria constituição e desenvolvimento do culto daimista, como pudemos ver nos dois primeiros capítulos, se dá em um tipo de liminaridade, isto é, inicialmente, os seringueiros, excluídos social e economicamente da nova ordem econômica, encontram na experiência com a ayahuasca condições para uma re-leitura e re-significação para suas crenças e valores frente à nova sociedade que se forma. Por outro lado, o processo de expansão da doutrina para os grandes centros urbanos atraem indivíduos que se encontravam em busca de novos valores e de uma nova forma de religiosidade. O estado liminar é, assim, produto da dissolução de fronteiras entre estrutura e anti-estrutura, uma ruptura com a realidade cotidiana e abertura para o "caos" e o "divino". A miração, a peia, e demais eventos que caracterizam os trabalhos, são fenômenos essencialmente liminares. A análise do processo ritual estudado por TURNER aponta

⁸ Não temos a pretensão de reduzir a experiência a um modelo, mas simplesmente estabelecer algumas relações e analogias de forma a dar visibilidade à lógica ritual presente nos trabalhos.

⁹ F.L.R.COUTO, *Op. Cit.*, p. 356.

¹⁰ GENNEP, Arnold Von. *The rites of passage*, 1960, Londres: Routledge and Kegan Paul.

para dois tipos principais de ritos: os ritos de crise do grupo e de calendário e os ritos de crise e de investidura.

Os ritos de crise do grupo e de calendário atingem geralmente a todos ou referem-se a grandes grupos. Podem se realizar pelos mais diversos motivos mas tem em comum a reafirmação da ordem estrutural. Isso se dá, na maioria dos casos, através da inversão de posições sociais. Nesses casos, é comum a existência do "poder dos fracos" como harmonizador das tensões sociais e culturais pertencentes aos grupos. Aqui, os indivíduos estruturalmente inferiores tornam-se, durante o período de limiaridade, isto é, o próprio ritual, simbolicamente superiores, detentores do poder sagrado, para retornarem, posteriormente, às suas condições iniciais. Nos rituais do Santo Daime, essa inversão não parece ocorrer, pelo contrário, as posições sociais dos indivíduos são reforçadas durante os rituais, como por exemplo, no casos dos padrinhos, que no âmbito da comunidade auxiliam seus "afilhados" na solução de problemas e servem de modelo para os demais. Essa posição é confirmada nos rituais.

Os ritos de crise e de investidura, por sua vez, simbolizam a mobilidade estrutural do indivíduo ou do grupo através da elevação de "status". A puberdade, o casamento, a mudança de comando tribal, a morte, entre outros, integram essa categoria ritual. Mais do que simplesmente legitimar a nova posição, tais ritos tem caráter disciplinatório, ensinando sobre os riscos e deveres da nova posição. O neófito perde temporariamente seu "status", posicionando-se simbolicamente abaixo dos demais, como no caso da iniciação de um novo chefe tribal em algumas culturas, para retornar à sua nova posição renovado, "purificado" e consciente de sua nova posição. Essa purificação é análoga à apuração associada à peia. Diversos hinos apontam para a necessidade de "se humilhar" para poder seguir o caminho espiritual. No início da doutrina, havia a distribuição de patentes que refletiam o grau de desenvolvimento dos seguidores de mestre Irineu. Posteriormente, em decorrência de supostos desentendimentos e lutas de poder, essa prática foi abolida. No entanto, ainda hoje, fala-se

de "graduações"¹¹ recebidas "no astral", e na própria vida, em decorrência do aprimoramento do adepto.

21– O que é que você vai fazer

(Padrinho Sebastião)

(...)

Ninguém queira ser grande
É preciso se humilhar
Se faça pequenininho
Para entrar no Celestial.

A "entrada no Celestial" está condicionada à uma postura humilde do fiel. É preciso "se humilhar", isto é, enfrentar e aceitar todas as imperfeições que o daime lhe mostra para que essas sejam transformadas. Por um lado, essa "humilhação" tem visibilidade social, uma vez que a peia expõe o "infrator" mas, por outro, sugere um ato de entrega e de rendição dos instintos e desejos materiais em relação aos desígnios do "Império Juramidam". Enxergamos aqui um movimento que parte da desestruturação dos egoísmos dos indivíduos, isto é, da própria *communitas*, para a sua posterior assimilação pela estrutura. Para TURNER, a *communitas* tem, *a priori*, uma vida curta, e está fadada a ser absorvida pela estrutura por não conseguir manter, na maioria dos casos, "a organização social e econômica por longos períodos de tempo". Em outras palavras, a *communitas* revigora, legitima e harmoniza a estrutura através de sua manifestação cultural repetida, tendendo à dissolução nessa mesma estrutura.

¹¹ Essas "graduações" podem ser representadas por um maior entendimento sobre os mistérios da experiência, pela mobilidade dentro da própria comunidade ou mesmo por mudanças (positivas) ocorridas da vida do sujeito, como o casamento, filhos, o abandono de vícios, etc.

Para COUTO os trabalhos daimistas não são ritos de inversão, onde há *o deslocamento do equilíbrio estrutura/communitas para o lado dessa última*¹². O autor entende que esse deslocamento se dá para o lado da estrutura,

reforçando a ordem cosmológica, que é intensamente vivida, saindo do seu estado latente, inconsciente, para se manifestar durante o ritual. (...) Por outro lado, a ordem interna é reafirmada pelo empenho de cada um na performance ritual, ao submeter-se aos imperativos do "Império Juramidã", na sua *praxis* durante o ritual, de onde o fiel acredita receber os "ensinos" e, principalmente, o ordenamento simbólico que se acredita eficaz (...), levando todo o sistema para uma ascese simbólica; ou, antes de mais nada, para a ordem".¹³

A conceituação do culto daimista como um ritual de ordem está em concordância com os relatos apresentados sobre a peia. As diferentes experiências relatadas, referentes à preparação para os trabalhos, à performance e empenho dos participantes, aos valores e crenças sobre a bebida e seres espirituais, entre outros, apresentam, como ponto comum, a noção de saúde e desenvolvimento espiritual condicionado ao aprimoramento moral do indivíduo, expresso na conduta do sujeito no ritual e em sua vida. A peia age ora como punidora das infrações e desvios, ora como facilitadora do processo de purificação do sujeito. A ordem externa é definida pela união, harmonia e concentração de todos nos hinos e no bailado. A ordem interna, por sua vez, *é reafirmada pelo empenho de cada um na performance ritual ao submeter-se aos imperativos do "Império Juramidã", na sua práxis durante o ritual*¹⁴. A peia "desce" e atua sobre os indivíduos, sobre as relações entre esses indivíduos e, conseqüentemente, no grupo como um todo, promovendo uma ampla limpeza de ordem física, mental, emocional e espiritual. Para COUTO:

Da prática ritual o fiel acredita receber os "ensinos" e, principalmente, o ordenamento simbólico que se acredita eficaz, e que, nessa ordenação, vai limpando e desobstruindo simbolicamente os canais invisíveis dos neófitos, levando todo o sistema para uma ascese simbólica; ou, antes de mais nada, para a ordem, como afirma Mary

¹² F.L.R.COUTO, *Santos exXamãs*, p. 133.

¹³ *Ibid*, p. 133.

¹⁴ *Idem*, *Santo Daimé: rito da ordem* In: *O uso ritual da ayahuasca*, p. 349.

Douglas¹⁵: "A sujeira ofende a ordem. Elimina-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente"¹⁶.

O antropólogo reforça o seu argumento apontando outros elementos que indicam o caráter de ordem, como a utilização de fardas, a autodenominação dos fieis como "soldados das rainha" e utilização de outros termos militares como "batalhão", "estado maior", "fora de forma", "general", "comandante", etc. O autor refere-se à diferença de gêneros como também significativa ao princípio ordenador do simbólico e das atividades comunitárias. A disposição espacial, no ritual, das pessoas em homens e mulheres casados, moços e moças, solteiros e solteiras, revela também a organização social do grupo. No que se refere à peia, esse dado se enquadra ao relato de um fiscal mais antigo, com aproximadamente 9 anos de farda, que fala da peia pela falta de humildade. Segundo esse informante, muitas pessoas levam peia por "querer cantar de galo" sem conhecer bem a doutrina¹⁷. A sua fala indica a posição de alguém que está "dentro de um grupo" em relação "ao outro" posicionado fora do grupo. Nesse exemplo, o impedimento para a inserção recai sobre a arrogância do "outro" e a sua integração no grupo requer uma "purificação", ou ainda, um ordenamento, desse aspecto de seu caráter, isto é, a falta de humildade.

MACRAE analisa os efeitos estruturantes do consumo da ayahuasca nos rituais daimistas a partir da perspectiva da redução de danos¹⁸, aplicada no contexto de consumo de drogas entorpecentes a partir da década de 60 do século passado. Essa perspectiva busca um entendimento mais complexo da questão das drogas que transcenda a ação meramente orgânica da substância, e inclua a noção de controles sociais, onde o consumo do psicoativo é regido por regras, valores e padrões de

¹⁵ M. DOUGLAS, *Pureza e perigo*. Coleção Debates, nº 120, São Paulo, Perspectiva, 1966, p. 12.

¹⁶ F.L.R.COUTO. *Op. Cit.*, p. 349.

¹⁷ Esse relato é analisado na seção que trata da *peia pela falta de humildade*, nesse capítulo.

¹⁸ O autor tem como principais referências teóricas, N. ZINBERG. *Drug, set and setting: the basis for controlled intoxicant use*. New Haven: Yale University Press, 1984; J.P.C. GRUND. *Drug use as a social ritual: functionality, symbolism and determinants of self-regulation*. Rotterdã: Institut voor Verslavingsonderzoek (IVO) Erasmus Universiteit, 1993 ; e M. XIBERRAS. *La société intoxiquée*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1989.

comportamento desenvolvidos entre grupos de usuários. Esses controles sociais funcionariam de 4 maneiras:

- são definidoras de um uso "aceitável" e condenam usos que fujam desse padrão;
- limitam o uso a meios físicos e sociais capazes de propiciar experiências positivas e seguras com a substância;
- identificam efeitos potencialmente negativos. Os padrões de comportamento ditam precauções a serem tomadas antes, durante e depois do uso;
- distinguem os diferentes tipos de uso das substâncias, respaldando as obrigações e relações que os usuários mantêm em esferas não diretamente associadas aos psicoativos¹⁹.

Para MACRAE o consumo da ayahuasca no contexto daimista representa uma instância paradigmática das idéias relacionadas à redução de danos.

Entre os membros da seita, o efeito da bebida é tradicionalmente entendido como um transe em que o sujeito expande seus poderes de percepção, tornando-se consciente de fenômenos de um plano espiritual que, por sua sutileza, normalmente escapam aos sentidos. Além disso (...) essa prática é rigorosamente prescrita em seus menores detalhes, tornando-se um bom exemplo do uso controlado de um psicoativo²⁰.

Com base em uma etnografia de aspectos diversos que envolvem o consumo ritualizado da bebida, como as crenças, valores, práticas rituais, manuseio e estocagem do daime, hierarquia do grupo, entre outros, o pesquisador conclui:

Assim, acima de tudo, são rigorosamente controladas as atividades em que se engajam os indivíduos quando sob o efeitos da bebida. Como já vimos, isto sempre acontece sob a forma de um ritual religioso²¹ (...) A participação regular

¹⁹ E. MACRAE. *O uso ritual de substâncias psicoativas na religião do Santo Daime como um exemplo de redução de danos*, p. 1.

²⁰ Idem., *Guiado pela Lua*, p. 117.

²¹ *Ibid*, p. 121.

nos rituais do Santo Daime freqüentemente leva a notáveis mudanças entre seus seguidores. Estes são muitas vezes recrutados entre os indivíduos socialmente estigmatizados, por sua condição pauperizada, como na Amazônia, ou por sua adesão a valores da contracultura, como o uso de drogas e o livre exercício da sexualidade. Para todos, os rituais apresentam uma valorização e incitação à autodisciplina, possibilitando direcionarem suas vidas e tornarem-se mais eficazes nas atividades do dia-a-dia. Essa constatação encontra consonância nas idéias de Turner, para quem os rituais periodicamente convertem o obrigatório em desejável, colocando as normas éticas e jurídicas da sociedade em contato com fortes estímulos emocionais. Suas considerações se adequam muito bem ao caso das cerimônias do Santo Daime²².

5.2. Alguns tipos de peias recorrentemente relatadas.

Buscaremos agora traçar uma tipologia aproximativa da peia com base nos dados coletados durante o trabalho de campo. Essa tipologia não é conclusiva e certamente não abarca todas as possibilidades de peia possíveis. Ela, no entanto, nos permite uma melhor visualização do impacto da peia para os fieis, assim como os explicita valores e crenças associadas a peia.

5.2.1 Peia por não se preparar adequadamente para o trabalho

Entre os vegetalistas tradicionais e também em outras formas de xamanismo amazônico, o manuseio e consumo das plantas e ervas é cercado de dietas e abstinências, cujos períodos podem variar de meses até anos. Também na medicina popular amazônica, os remédios de plantas e ervas são acompanhadas de sua "fineza", isto é, os resguardos necessários para o tratamento das doenças, que podem ser de origem orgânica, mas são normalmente relacionadas com a ação de seres sobrenaturais. O resultado esperado, geralmente uma cura, está diretamente relacionado ao cumprimento dessas prescrições, além, obviamente, do conhecimento acumulado do próprio curador. Segundo MACRAE:

Todos os vegetalistas afirmam que seguir a dieta é o caminho da sabedoria. Dizem que ela não os enfraquece e que, apesar de perderem peso, seus corpos se tornam mais fortes e resistentes a até mudam de cheiro. Afirmam, também, que enquanto a seguem, suas mentes funcionam de forma diferente, a observação e memorização

²² *Ibid*, p. 124.

tornam-se mais fáceis. É a própria natureza que lhes revela, então, seus próprios segredos. Seus sonhos tornam-se mais claros e instrutivos. Assim, a dieta pode ter a função de desencadear um estado de consciência alterada durante o período de aprendizagem²³.

No contexto daimista, a importância das dietas e abstinências é relativizada e mesmo relegada a um segundo plano. É sugerido a abstinência sexual 3 dias antes e 3 depois dos trabalhos. Nesse período, aconselha-se a não ingestão de carne ou álcool. Recomenda-se, também, que haja um esforço do sujeito em se manter em harmonia consigo e com o próximo, resolvendo quaisquer pendências pessoais antes de se dirigir para o trabalho. Notamos que no centro estudados, essas prescrições nem sempre são seguidas à risca e, algumas vezes, questionadas.

(B) Eu já fiz trabalho com a disciplina dos três dias e sem a disciplina. Com certeza, disciplina é disciplina, o trabalho pega muito mais. Uma preparação tem que ter, uma preparação de acordo com cada um. Mas às vezes entra numa rotina de trabalho²⁴ que parece que você já não sai mais do trabalho. Então você já fica naquela e do jeito que você está ali, você já vai indo. Num dia você come muito, noutro dia você come pouco: "hoje eu vou comer pouco porque eu vou tomar daime", no outro dia, "eu vou comer bastante para agüentar". É muito relativo. Qualquer disciplina que a gente fizer é bom, mas tem que fazer, ver por que está fazendo e para que está fazendo²⁵.

Em outro relato, L., fala sobre a sua preparação.

Às vezes eu me preparo, outras não. Depende se eu não tenho que trabalhar antes. Depende do trabalho... posso tomar banho de descarrego, posso acender uma vela em casa ou posso estudar o hinário antes. Por exemplo, o trabalho de finados eu gosto de estudar. Quando dá tempo, eu ouço 1 ou 2 hinários, para ter uma base. De alguma maneira eu me preparo. Às vezes eu não como carne, ou alguma coisa assim, mas isso é relativo. Faz uns 6 meses que eu não faço isso, uma dieta alimentar. A preparação, às vezes, é você pegar sua farda dois dias antes e ver se ela está lavada, passada, certinha. **Você já focaliza o trabalho.** Às vezes, preparar é só pensar nele. Se arrumar. Você chega lá e sente que entrou certo. Já começou pensando, não é jogado assim. Às vezes, "preparar" não é ritual e tudo mais, é pensar no assunto. Se ligar com a situação...deixar fluir... eu acho que é melhor²⁶.

²³ E.MACRAE, *Guiado pela lua*, p. 34.

²⁴ Ele se refere ao período de festivais quando há uma grande quantidade de trabalhos em curto período de tempo. Há dois festivais no ano, o primeiro vai de 12 de Junho até 5 de Julho, onde são celebradas as datas comemorativas dos santos católicos. O segundo festival ocorre no final do ano, entre 8 de Dezembro e 6 de Janeiro.

²⁵ Entrevistado em 28/03/2004.

²⁶ Entrevistada em 24/02/2004.

Há aqui uma ruptura com a preparação típica do vegetariano. Os procedimentos que antecedem o consumo do daim parecem estar mais associados à tentativa em entrar em sintonia com o trabalho. A dieta alimentar, embora levada em conta, não representa o aspecto principal da preparação. Percebemos, pelo segundo informante, que, por um lado, há uma ritualização no preparo, como banhos de descarrego e velas e, por outro, uma noção mais prática sobre o trabalho, como estar com os hinários e a farda em ordem, e ter ensaiado os hinos com antecedência. A preparação para o trabalho, como pudemos notar nos dois relatos, é considerada importante - "disciplina é disciplina, o trabalho pega mais muito mais" e "de alguma maneira eu me preparo" -, mas está condicionada, primeiramente, ao contexto em que se encontra o adepto para participar do trabalho, isto é, se "trabalha antes"²⁷ ou se há tempo para uma preparação mais complexa. A forma que cada um se prepara para o ritual é definida, pelo menos parcialmente, pela vida pregressa e valores do sujeito. No primeiro caso, com relação à alimentação, ele às vezes come muito e outras pouco, dependendo do ritmo dos trabalhos. Em outro momento da entrevista, esse entrevistado afirma que desde pequeno sempre comeu carne e nunca sentiu qualquer efeito negativo em seus trabalhos por causa disso.

Não é falar que se comer carne, vai acontecer isso ou aquilo...não...a maioria (das pessoas) que eu conheço foi criado, desde de pequeno, na "papinha". Pelo menos uma "carninha" desfiada tinha, né? Então essa é uma coisa natural de cada um²⁸.

Em contraponto ao relato acima, um outro daimista, C.²⁹, explica o que pensa da importância de uma dieta adequada para participar dos rituais.

Eu acho fundamental que a gente tenha uma alimentação leve, adequada, pra você poder estar participando de um trabalho espiritual, porque se você come carne, por exemplo, você está cansado de saber que a digestão é mais demorada, os resíduos ficam mais tempo no teu organismo. Aquilo não se dissolve em poucas horas, demora dias

²⁷ A informante é operadora de raio-x em um hospital público.

²⁸ Entrevistado em 28/03/2004.

²⁹ Entrevistado em 18/05/2004.

até, entendeu? E eu acho que o daime está tão "na luz" que o fato de você comer carne no dia do trabalho interfere. Então muitas vezes você toma o daime e tem que fazer limpeza, porque aquilo não está compatível com a bebida. Depois que você faz a limpeza, você melhora³⁰.

Pensamos que C. enquadra-se na descrição feita por GOULART sobre o novo tipo de daimista, denominado "do sul"³¹, surgido com a expansão geográfica do CEFLURIS iniciada no começo da década de 80. Essa semelhança se dá não apenas em relação à dieta mas também pelo seu discurso, onde afirma o seu desejo em se mudar para a "floresta" e o seu trabalho junto a *Santa Casa*³². Os outros dois informantes, B. e L., demonstraram pouco interesse, e até mesmo nenhum interesse, em residir no Mapiá ou em outra comunidade daimista, embora estivessem engajados em viver, futuramente, em localidades mais afastadas de São Paulo. Nos vimos inúmeras vezes em meio a conversas informais com outros daimistas que discutiam dietas e outras formas de preparação para os trabalhos. Pudemos identificar como único ponto de concordância o não consumo de álcool. Mesmo a questão da abstinência sexual foi apresentada por vezes como relativa, embora a maioria concordasse que a abstinência fosse importante.

O outro ponto levantado em relação à preparação diz respeito a "sintonização" do fiel com o trabalho. Essa "sintonização" está relacionada, por um lado, a uma intencionalidade em relação ao trabalho e, por outro lado, à uma atitude de atenção para com os "sinais" percebidos durante o transcorrer do dia ou dias anteriores ao ritual que possam ter uma relação com o mesmo. L. afirma:

³⁰ Entrevistado em 18/05/2004.

³¹ A autora caracteriza esse tipo de daimista como fortemente influenciado pelos valores da contracultura dos anos 60 e 70, como o anseio pela liberdade e o ideal de vida comunitário. O estabelecimento de novas igrejas em outras regiões e o consecutivo aumento no número de fieis, faz surgir um novo tipo de daimista do "sul", mais ligado a questões ecológicas e a temas como auto-conhecimento, macrobiótica, etc. Embora esses também fossem assuntos de interesse dos pioneiros do "sul", essa tendência pereceu intensificar-se com o tempo. Cf. S. GOULART. *Op. Cit.*, p. 174.

³² A *Santa Casa de Saúde Padrinho Manoel Corrente*, com sede na vila Céu do Mapiá, é um centro holístico que agrega diferentes linhas terapêuticas ditas alternativas.

Você vai para um trabalho de cura, de São Miguel³³, aí você decide: "eu vou trabalhar não sei o que", e aí pega a farda do jeito que está, coloca na bolsa e sai para o trabalho. Você chega, "com seu livro aberto", você vai descobrir que vai "chover um pouco na sua vida". Você não estava ligado no que estava fazendo. Não se ligou. Não se atinou no que você estava fazendo. Você entrou no meio da coisa sem saber o que era. Aí você vai ter que assimilar...é mais complicado. É um descuido, é descaso³⁴.

Nas palavras da fiscal, a peia sofrida é conseqüência do "descuido" ou "descaso". Na fala, o sujeito decide "trabalhar" um determinado assunto sem se preparar adequadamente, há uma intencionalidade que gera, segundo a crença, um evento, isto é, quando a pessoa chega no hinário o "seu livro está aberto". O despreparo em relação ao trabalho teve, como resultado, a peia. Nas palavras de L., "choveu um pouco na sua vida".

Segundo GROISMAN, *o ato de tomar daime é cercado por diversas prescrições de conteúdo simbólico, que correspondem muitas vezes a cuidados pessoais que permitem ter uma boa experiência mas, principalmente, elas servem para demarcar os parâmetros do sagrado – fronteiras do comportamento esperado – e do respeito ritual pela bebida*³⁵. Vimos, pelos depoimentos, que o resultado de uma preparação inadequada, ou descuido na preparação para o ritual, é normalmente a peia. Por outro lado, quando no trabalho, o indivíduo se encontra em sintonia com as forças ali presentes e em harmonia com a corrente, o resultado é o êxtase, a graça, a miração.

(C) Quando você vai pro trabalho limpo, meu amigo, não tem nada que te atrapalhe, é um primor. **Você só vê primor.** E isso aí eu não estou dizendo por mim, eu estou dizendo pelas pessoas que me ensinaram muitas coisas nessa doutrina, que foi o padrinho Wilson, o sr. Luis Campelo, o sr. Jorival, o padrinho Eduardo, esses mais antigos das doutrina que sempre passaram aqui por São Paulo, e graças a Deus, tive a oportunidade de conviver com vários deles. Eles são todos da época do padrinho Sebastião³⁶.

³³ Os trabalhos de São Miguel são considerados trabalhos de "limpeza da corrente", e tidos como trabalhos fortes. Via de regra, todo trabalho visa a cura e é sempre imprevisível. Entretanto, em trabalhos como o de São Miguel ou de cura, é freqüentemente servido um daime mais concentrado que dá, ao menos em parte, certa procedência a classificação aqui assumida. Outro ponto diz respeito aos hinários cantados que, no caso dos trabalhos citados, tem um direcionamento específico, isto é, a cura.

³⁴ Entrevistada em 24/04/2004.

³⁵ A. GROISMAN. *Op. Cit.* p. 97.

³⁶ Entrevistado em 18/05/2004.

As operações simbólicas que antecedem o consumo da bebida representam uma "purificação" física, mental e emocional do adepto. Busca-se um estado de limpeza para participar do ritual, por outro lado, quando o indivíduo encontra-se "sujo", o acesso aos "primores" da miração lhe é negado e ele leva uma peia.

(C) Porque para você participar de um trabalho espiritual, pra você chegar lá, invocar a energia da Nossa Senhora, a energia dos teus guias espirituais, pra se beneficiar e enxergar à luz divina, que é única, como é que você vai se aproximar da luz de Deus estando sujo? Porque se você não se prepara você vai sujo. É como se você não tomasse banho e fosse entrar na casa de Deus. Não pode. Você não consegue enxergar a luz como ela é, como ela se apresenta. E ela não consegue se apresentar pra você. Ai você entra na peia, você faz limpeza³⁷.

No hino (45) *Aqui entram todos*, do padrinho Sebastião, essa idéia fica clara. O hino descreve dois momentos distintos. No primeiro, quando se chega na igreja, na doutrina, a porta está aberta para todos que quiserem consumir a bebida. No segundo momento, o acesso à "Casa do Pai" é permitido somente aos que estiverem "limpos".

Aqui entram todos
Entra o **sujo e o rasgado**
Na Casa do meu Pai
Só entra os **limpos sem pecado**.

A seqüência do hino estabelece a necessidade do castigo para a manutenção da ordem e do propósito do culto.

É preciso apanhar
Apanhar para obedecer
Que culto sem castigo
Ninguém sabe o que vai fazer

Na última estrofe, o hino reitera a autoridade espiritual do Pai³⁸ e chama a todos para ter firmeza na apuração dos pecados.

A Força do meu Pai
Ele bem vem ensinando
Quem tiver os seus pecados
Agüente firme para ir se limpando.

³⁷ Entrevistado em 18/05/2004.

³⁸ A palavra "Pai", nos hinos, pode se referir a Deus, a Jesus ou a Juramidam.

A análise até aqui efetuada sobre alguns aspectos da preparação individual para o consumo do daime, apontados por vários fieis como motivos de peia, sugere que essa preparação, embora apresente diferentes formas, é indicadora de um sistema mais amplo de valores e crenças, em detrimento das técnicas de manuseio e consumo da substância que caracterizam o uso tradicional da ayahuasca. A peia, por um lado, une os indivíduos em torno desses valores e crenças, punindo os "infratores", ordenando e reforçando os laços do grupo como um todo e, por outro, apura conteúdos inconscientes e fornece ao sujeito um modelo de interpretação e significação para a própria vida e para as vicissitudes inerentes a ela, auxiliando-o em seu processo de cura.

5.2.2. Peia de pensamento

Pensamentos desordenados, intrusivos, lascivos, entre outros, são tidos como causadores de doenças e motivos de peia. Deve-se, ao contrário, "elevar o pensamento" e adotar uma atitude mental positiva, receptiva, tranqüila, evitando a atividade mental intensa quando sob efeito da "força do daime". O muito pensar ou ficar "pensando besteiras" pode levar o adepto a "entrar em tranças". Esse termo, freqüentemente citado nos hinos, integra o jargão daimista e expressa a confusão que o indivíduo pode entrar, e/ou ficar preso, por não ter os pensamentos, intenções e sentimentos em harmonia com o trabalho. A "trança" é, certamente, uma peia e vem acompanhada de mal estar e desconforto, como confirma o trecho do hino (22) - *Tu prometes ser fiel* - do Padrinho Sebastião: *ai todos me viram / mas não ligaram importância / agora estão sofrendo/ estão entrando na trança*. Em outro hino (140), *Palmatória*, recebido por Alfredo Gregório, as "tranças" são lançadas para os que não tem humildade.

Força do sol eu recebi
E a ordem é uma só

Eu tenho umas belas tranças
Para quem quer ser maior

A saída da "trança" e, conseqüentemente, da peia é, além da humildade, a firmeza de pensamento. Essa firmeza refere-se domínio do pensamento, evitando-se que o mesmo fique "solto" durante o trabalho e seja, na medida do possível, suprimido pela atenção aos hinos e ao bailado. Acredita-se que um pensamento solto, divagante, faz do indivíduo uma presa fácil para as entidades espirituais de pouca luz, como zombeteiros e sofredores.

(R.C.) Você já viu uma pessoa "avoadada"? não é pela mente, tudo solto...no momento que ele "escapa" vem outro ser e domina...vai beber, vai fumar, vai falar, não sei...agora, quando você mantém o seu centro de gravidade, tem controle né, "eu vou sair porque a entidade tem algo para me falar", "vou voltar". Você tem esse controle, você sabe...você está vendo, você sabe quem que é, né? Você olha a presença negativa e pede licença, não deixa sucumbir³⁹.

O pensamento constitui uma categoria central no ritual daimista. Essa é certamente uma herança da experiência dos primeiros daimistas com o Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento que, como o próprio nome sugere, dá grande importância ao poder do pensamento. Os trabalhos de concentração visam, entre outros, o desenvolvimento da capacidade de domínio do pensamento. A Consagração do Aposento deixa claro a importância do pensamento na crença daimista, sua última estrofe diz:

As vibrações do meu pensamento são forças de Deus em mim, que aqui ficam armazenadas e daqui se irradiam para todos os seres, constituindo este lugar um centro de emissão e recepção de tudo quanto é bom, alegre e próspero.

As palavras do padrinho Sebastião confirmam a aproximação entre o Santo Daime e o CECP no referente ao papel do pensamento.

³⁹ Entrevistado em 10/07/2004.

"Eu vou ligar o meu pensamento/ só aonde eu devo ligar / no Sol, na Lua, nas Estrelas / Na floresta, na Terra e no Mar⁴⁰". É! Para estar com Deus é preciso deixar aquelas preocupações, aquelas cruzas, aquelas coisas que nós caímos. Suspendendo o nosso pensamento, chegamos em um Deus todo poderoso. Porque Ele está em nós e devemos nos ligar Nele. Deus é uma máquina que faz todas as outras máquinas⁴¹.

Na concepção local, um pensamento alegre e positivo trás a saúde, o bem estar, e a sintonia com o divino, ao passo que um pensamento fraco é capaz de materializar a doença e o sofrimento. Nesse sentido, a firmeza nos hinos atuam como "trilhos" para o pensamento, impedindo que este fique a deriva da influencia de outros pensamentos⁴² ou entidades trevosas.

(L) Você não pensa. O pensamento não alcança soluções. Então não pensa. Faz. **O trabalho pensa a gente**. O raciocínio é pequeno. Se você ficar pensando você fica nos seus pensamentos, sentindo seus pensamentos e aquilo é uma casca muito pequena. Não pensa! A letra do hino é para você não pensar. Você se ocupa. Leva tocando maracá, bailando pra lá e pra cá, ouvindo a música. É muito estímulo. É para você não pensar⁴³.

O depoimento acima confirma a importância em se estar firme nos hinos e no bailado. Ele aponta também para as limitações do pensamento analítico, que é, nas palavras da entrevistada, pequeno e incapaz de alcançar as alturas da experiência extática. Os hinos não são compreendidos pela exploração analítica ou pelo raciocínio que, pelo contrário, impedem o acesso ao seus conteúdos misteriosos não expressos. A compreensão desses mistérios se dá por outras formas, como explica a fiscal.

(L) É para sentir, e mais do que sentir, é para você chegar naquele ponto que é a "mente criativa", **não é raciocínio. É um saber**. Sabe aquela lamparina "ah, sei", mas não é pensar isso e aquilo. Se você fica no pensar, sua cabeça começa a ficar apertada, pesada. Não é para pensar, é pra deixar rolar. **Isso a gente aprende quando a gente começa, depois a gente esquece**⁴⁴.

⁴⁰ Trecho de um hino do padrinho Sebastião.

⁴¹ A.P.ALVERGA. *Op. Cit.*, p. 128.

⁴² Acredita-se que o daime desenvolve as capacidades telepáticas e que, durante os trabalhos, se possa captar os pensamentos soltos na corrente.

⁴³ Entrevistada em 24/02/2004.

⁴⁴ Entrevistada em 24/04/2004.

Para a fiel, o raciocínio é uma prisão que aprisiona os sentimentos e impede uma compreensão mais profunda da experiência. O entendimento provém não do pensar, nem do sentir, e sim da ação da "mente criativa" que simplesmente "sabe". Outro fiel enfatiza que o pensamento deve ser substituído pela entrega à força da corrente e pela concentração⁴⁵ no trabalho. A postura, por sua vez, deve priorizar ideais elevados como o amor e a alegria, para que se possa contar com a ação benéfica dos seres de luz.

(V.) A idéia não é ficar pensando, principalmente durante o trabalho. Não tem que ficar raciocinando, tem que entrar na energia, se entregar pra força, se entregar pros seres divinos que estão ali, se entregar pra corrente e concentrar nos hinos, cantar os hinos e ir embora. E cantar os hinos com alegria, com amor. Não adianta cantar hino de mal humor que você chama um monte de outras coisas que só vem para atrapalhar. Agora, quando você consegue fazer o trabalho dessa maneira, centrado, feliz, aí você sai do trabalho sabendo coisas que antes você não sabia. E esse processo não foi mental. Você, de alguma maneira, incorporou um conhecimento que antes você não tinha. Sei lá, os seres divinos passaram por ali e te passaram alguma coisa, e...agora, eu acho que é assim que deve funcionar a compreensão de um trabalho⁴⁶.

O pensamento firmado, assim como a crença em seu poder, não se limitam apenas ao contexto ritual. É comum o relato, mesmo após poucos trabalhos, da diminuição da ansiedade e confusão mental no dia-a-dia das pessoas, a peia adquire, nesse sentido, um caráter terapêutico. No cotidiano de cada um, todos estão expostos à força da "ilusão"⁴⁷, que se expressa por influências diversas, entre elas, pensamentos trocados, maus pensamentos, pensamentos viciosos, etc., e constituem riscos para o fiel, que conta com uma "proteção espiritual", desde ele esteja na linha. A peia de pensamento, portanto, serve como instrumento regulador e ordenador do modo de se pensar. No ritual, a peia se expressa nas "tranças" decorrentes da falta de firmeza de pensamento e atenção. Na vida cotidiana, ela é atribuída às conseqüências de velhos hábitos, vícios e posturas indesejadas.

⁴⁵ A concentração não requer necessariamente uma suspensão total do pensamento, e sim um domínio e foco deste em determinados assuntos ou nos próprios hinos.

⁴⁶ Entrevistado em 09/07/2003.

⁴⁷ Segundo FERNANDES, *Op. Cit.*, p. 133, a ilusão "refere-se ao mundo das coisas materiais, o consumismo, o dinheiro, a vaidade, enfim, tudo o que não se leva para o mundo espiritual. Para entrar na doutrina do Santo Daime, é preciso sair do mundo da ilusão". Essa conceituação teve como base a população da comunidade Céu do Mapiá na época em que o padrinho Sebastião ainda era vivo. No centro estudado, ela deve ser relativizada em virtude das características dos freqüentadores da igreja paulistana, residentes, em sua maioria, em São Paulo.

5.2.3. Peia pela desatenção

Na concepção nativa, a "abertura de consciência" proporcionada pela experiência com o daime exige uma postura de atenção constante. Acredita-se que o daime, ao mesmo tempo que abre os canais perceptivos do fiel, exige a aplicação cuidadosa da mente em relação aos próprios pensamentos e sentimentos, às outras pessoas e ao ambiente ao redor, de forma a impedir que se seja influenciado por "forças negativas" internas ou externas, materiais ou espirituais. Cada um torna-se responsável por seu próprios atos e as conseqüências desses atos podem resultar em peias.

(C) Tudo que a gente faz impensadamente, você vai ter uma conseqüência depois. Dentro da doutrina isso é muito nítido. O daime abre muito a nossa consciência⁴⁸.

O trecho do hino do mestre Irineu abaixo fala de uma força existente, com a qual todos tem contato, porém a desconhecem.

119 – Confia

(...)

Esta força é muito simples
Todo mundo vê
Mas passa por ela
E não procura compreender

(...)

Acredita-se que a iniciação nos mistérios do daime "desvela" a realidade dessa "força" natural desconhecida da maioria das pessoas. Se, por um lado, o fiel está sujeito à ação das entidades espirituais, por outro, o castigo só se dará em virtude do grau de conhecimento, ou consciência, sobre

⁴⁸ Entrevistado em 18/05/2004.

as implicações e conseqüências dos próprios atos, comportamentos e atitudes. Dessa forma, na concepção nativa, não se toma uma peia por causa das entidades, e sim por falhas cometidas ou pela desatenção. A culpa e o castigo recaem sempre sobre o "infrator", conforme fica claro no depoimento abaixo.

(C) A peia vem de você mesmo. Vem de você mesmo pela tua falta de atenção. Porque você chega na doutrina e começa a prestar atenção nos hinos. Os hinos, o que pedem para a gente? Pedem atenção, prestar atenção, andar direitinho, tomar cuidado, observar ... e muitas vezes, as pessoas não fazem isso, ou se fazem, fazem assim numa proporção muito pequena, entende? "Quase" não prestam atenção, "quase" não andam direitinho. Não andam direito totalmente ou então andam um pouco fora, "pisam no tomate". E aí a peia vem, é inevitável a peia⁴⁹.

Mestre Irineu é visto, entre outros⁵⁰, como um professor. Sua doutrina são os ensinamentos da Rainha da Floresta e seus fiéis integram uma escola. A atenção é um pré-requisito para se aprender a lidar com os mistérios da bebida, como diz o trecho do hino de Valdete, filho mais velho do Padrinho Sebastião.

16 – Para se estudar

Para se estudar
Nesta escola do senhor
É preciso ter amor
E prestar bem atenção

A peia, nesse contexto, castiga para "refrescar" a memória do fiel sobre algo que ele já sabia ou já havia sido ensinado anteriormente e, no entanto, havia esquecido ou ignorado. Ela tem função pedagógica e se manifesta quando o "aluno" é desatento.

(L) Quantas vezes você aprende a mesma coisa e fala, "**poxa eu já sabia disso, e eu esqueci**". Aí você retoma, tem que re-aprender. Aí você tem aquele trabalho e diz: "tomei uma peia". Não. Você esqueceu! Você foi um péssimo aluno. Aí você lembra todas as vezes que você esqueceu e de todas as vezes que você lembrou a mesma coisa⁵¹.

⁴⁹ Entrevistado em 17/05/2004.

⁵⁰ Outros termos identificam mestre Irineu nos hinos, como "Presidente", "General", "Mestre Império", etc.

⁵¹ Entrevistada em 24/04/2004.

A vida material é vista como cheia de armadilhas e é constantemente referida como o "mundo de ilusão", cuja característica principal é entorpecer e fazer esquecer da realidade espiritual, que é o "mundo da verdade". É preciso, portanto, estar atento às armadilhas da ilusão para não esquecer os ensinamentos recebidos. Para C., os hinos são sempre cantados pois o ser humano deve ser constantemente lembrado de "tudo o que é certo, de tudo o que é bom, de tudo que é correto na vida espiritual", para não se deixar levar pelo esquecimento que a ilusão impõe.

Por que a gente canta tantos os hinos, tantas vezes? **Porque o ser humano tem sempre que estar sendo lembrado de tudo que é certo**, de tudo que é bom, de tudo que é correto na vida espiritual. Para ele estar seguindo, ele precisa ser lembrado disso, porque muitas vezes o mundo da ilusão é tão forte que ele acaba te desviando o pensamento, entra num pensamento trocado, entra numa idéia não saudável, um mal hábito antigo, que você tinha, um mal hábito de fazer determinadas coisas, então ele vem tentando se estabelecer

⁵².

A atenção às armadilhas da ilusão está direcionada mais para o próprio comportamento, pensamentos e sentimentos que em relação ao ambiente externo. É preciso estar atento para velhos hábitos e costumes que podem ser "ativados" por pensamentos trocados⁵³ ou idéias não saudáveis. O informante prossegue,

E se você procurar sempre se lembrar dos hinos e, toda vez que pintar um pensamento trocado, você "opa", estar sempre alerta, "orai e vigiai", tem que estar sempre vigiando, sempre alerta, até dormindo mesmo. Aí você consegue, se tiver, se fizer um esforço maior. Você consegue ficar numa boa, ficar na tranquilidade, na paz de Deus mesmo. E aí não tem força negativa que chegue, que possa te interferir, atrapalhar tua vida. **Você não entra numa peia. A peia fica distante, entendeu?** A peia entra quando entra um pensamento trocado, quando entra um mal hábito, quando entra uma idéia que não é muito saudável, quando ela vem

⁵² Entrevistado em 18/05/2004.

⁵³ Pensamentos externos ao indivíduo que são "captados" pelo mesmo. A atenção, nesse caso, está em se ter a consciência de que aquele pensamento lhe é exterior, e deve ser descartado. Esse pensamento externo pode ser também "enviado" propositalmente.

para você e você acaba dando trela, aí você entra na peia (...) Não tendo dúvida, não tem medo. Você estando na certeza, você mata a dúvida. Então, você vive na paz. Aí você fica numa boa⁵⁴.

A lembrança dos hinos é a firmeza frente as "tentações" da ilusão e fraquezas do fiel em sua vida. Deve-se "orar e vigiar", estar atento, consciente a todo o momento de forma a não se deixar ser levado por "energias negativas". A peia, para o fiel, ocorre quando se está desatento ou inconsciente dessas forças, entendidas como pensamentos trocados, idéias "não saudáveis" ou impulsos para velhos hábitos abandonados ou com os quais se luta para abandonar. Essas forças são entendidas como também pertencentes a um mundo espiritual. São sofreadores, zombeteiros, embusteiros⁵⁵, etc., que interagem com os seres humanos. A maior ou menor abertura à influencia desses seres é definida pelo grau de consciência sobre esses mesmos seres e pela conduta moral do indivíduo, pois, como dito pelo informante, quando se está "de ficha limpa, não há o que temer, não tem peia que te pegue".

Podemos concluir que a atenção, embora diga respeito ao conhecimento da ação de seres espirituais invisíveis, está mais diretamente ligada à conduta do indivíduo em relação aos preceitos morais os quais os hinos se referem. Esses preceitos estabelecem um padrão de comportamento, em parte decorrente do próprio entendimento da experiência vivenciada pela pessoa, em parte moldado pelas práticas sociais e pelas relações vivenciadas dentro da irmandade. Como na parábola do fariseu hipócrita, deve-se limpar o prato por dentro e não apenas parecer limpo por fora, pois nesse caso, a sujeira que está dentro atrairá, ou deixará exposto o indivíduo, às influencias externas negativas. Em última análise, a atenção é para com quaisquer condições ou estados desarmônicos, que ponham em risco a harmonia física, mental e emocional do adepto.

⁵⁴ Entrevistado em 18/05/2004.

⁵⁵ Há uma clara influência de conceitos kardecistas na classificação dos tipos de seres que habitam o mundo espiritual.

5.2.4. Peia por falta de firmeza

É requerido do fardado que esse tenha, ou procure ter, firmeza durante os trabalhos assim como em sua vida. A firmeza, ao contrário do que possa parecer, não é uma atitude de truculência e rigidez. Está mais relacionada à idéia de harmonia com a "força" e com a corrente, expressa na suavidade do bailado e do canto, na serenidade do pensamento, na capacidade em resistir e compreender as peias e mirações, entre outros. R.C. descreve a sua atitude típica quando percebe que vai levar uma peia:

Quando eu percebo que eu vou apanhar , que estou devendo e vou apanhar, eu não saio do salão nem por decreto. Quando "ouço": "É peia...se segura", (respondo) " tá, eu não saio". Você pode ter certeza que eu não saio⁵⁶.

Segundo ele, se "correr" o castigo fica pior, embora nem sempre seja possível permanecer no salão. Essa, aliás, é a postura cobrada de todos os fardados durante os trabalho, que fiquem firmes em seus lugares, cantando e bailando, e só saiam para as suas limpezas. É permitido a cada um ficar fora do salão por até 3 hinos consecutivos, após esse período, caso o fardado não retorne ao seu posto, este será preenchido por uma outra pessoa, e a corrente será realinhada pelos fiscais. No caso dos novatos a atenção é especial. Há o esforço em mantê-los dentro do salão ou, no máximo, no terreiro, pois acredita-se que essas áreas estão sob proteção espiritual.

A firmeza responde, também, pela força de vontade do sujeito em não se deixar levar por velhos hábitos.

(R.C.) Naquele exato momento ela (a peia) te mostra qual é "aquele patamar", te ensina como ficar ali, depois é com você, porque ela não vai ficar tomando conta. Depende muito de você, da sua vontade, do que você quer na verdade. Não adianta, por exemplo, eu receber uma cura da bebida, você sentir o seu corpo expulsando todo o álcool, o daime te mostra tudo aquilo, o que é aquele bem estar, aquela qualidade de vida, de saúde e, depois de 4, 5 dias, você estar bebendo de novo. **Ela vai te mostrar de novo** , só que vai ser mais forte. Vai chegar uma hora

⁵⁶ Entrevistado em 10/07/2004.

que você vai tombar. Você vai aprendendo, vai sabendo, vai utilizando, (chega uma hora que) o daime te pega mesmo e te dá um "sacode" para ver se encerra⁵⁷.

Percebemos, no relato, a ação da peia em dois momentos distintos. Inicialmente, o organismo do sujeito é limpo da substancia nociva, o álcool. O daime "limpa" e ensina "o que é" aquele bem estar posterior. O daime "mostra" uma qualidade de vida e de saúde que o motivam a parar de beber. O processo certamente não foi agradável, embora o produto da experiência lhe tivesse feito compreender a nocividade de seu vício. Num segundo momento, quando a pessoa não tem a força de vontade, ou firmeza, necessária para evitar o álcool e volta a beber, o daime lhe mostra "tudo de novo, só que mais forte". Há uma verdadeira batalha de forças entre a "vontade do daime" e a do fiel, e o resultado, via de regra, pende para o primeiro. A peia, nesse segundo momento da experiência, é associada ao castigo, pois o adepto estava consciente do "erro" cometido, enquanto a primeira situação está ligada a uma apuração, uma purificação da pessoa. Ambos os casos, contudo, constituem o processo de cura que, no caso, culmina com a mudança de hábito em relação à bebida.

Outro caso ilustrativo da peia pela falta de firmeza, diz respeito à miração. L.S., fiscal de terreiro, descreve sua peia.

Eu estava numa concentração e a força foi chegando. Eu não costumo mirar muito, é raro, mirava muito quando não era fardado ainda, mas depois que fardei a miração rareou. Pois bem, eu estava sentado no meu lugar, tranqüilo, quando a força começou a baixar e eu vi que era a miração vindo. Eu apavorei e quis sair correndo, fiquei com medo, não deixei a miração fluir. Fui entender depois que eu tinha que fazer o contrário, tinha que relaxar, respirar fundo, e me entregar pois ali tinha um ensinamento. Ao invés disso eu corri e tomei a maior peia, quase cai no meio do salão e só não cai lá fora no terreiro porque um fiscal me ajudou. Fiquei lá fora com medo de entrar. A verdade é que eu não estava preparado para a miração⁵⁸.

O motivo da peia foi, aparentemente, o despreparo do fardado em lidar com os efeitos do daime, embora a miração não lhe fosse de todo estranha, pois "mirava muito" antes de se fardar. Essa

⁵⁷ Entrevistado em 10/07/2004.

⁵⁸ Entrevistado em 10/12/2003.

descrição completa, em parte, aquilo que foi dito sobre ficar no salão quando a peia desce. O que ficou da experiência não foi a miração, que não se concretizou, mas a peia e o entendimento da falha cometida, isto é, a necessidade de relaxar e se entregar para a força. O relato sobre o seu "erro" diz respeito a um aspecto técnico do ritual, o qual não conhecia completamente. Outro relato dá conta da necessidade de preparo para "agüentar" a miração.

(R.C) Hoje em dia eu apanho, mas eu já consigo ficar mais esperto no que ele (o daime) está me falando, né ? Mas é difícil porque, às vezes, você acha que está mirando, mas você está é apanhando. Você não sabe definir qual é peia, qual é miração, né ? **Miração sem firmeza vira peia porque é muita luz.** O seu interior fica naquele patamar ali, e quando vem aquela luz, você leva peia. Eu considero a peia como apuração, você recebeu aquela miração assim, levou aquela peia... tá, na próxima vez que você receber aquela miração de novo, você vai estar apurado para recebê-la⁵⁹.

Percebemos que aquilo que nos foi reportado como "peia por falta de firmeza" representa, também, uma peia que firma. Após a peia, o sujeito vê-se melhor preparado para vivenciar determinada situação, a forma de vencer um vício, uma experiência dentro do ritual, ou o que quer que seja. A recorrência no erro, no entanto, retorna a mesma peia, ou uma peia semelhante, de maior intensidade.

(L) A peia fortalece, você passa para crescer. Mesmo que às vezes você não entenda o motivo dela. Ela é para crescer. Você passa uma situação difícil que vai se desenvolvendo ao longo de 2, 3, 4 trabalhos. E vai se desenvolvendo e você fala "eu não quero mais isso", e vai levando, você vai levar aquilo em frente e você vai sair daquilo. Quando enfim você descobre porque você passou aquilo. Aí você olha para trás e vê por onde você passou⁶⁰.

Dentro dessa lógica, a peia é instrumento do daime para quebrar as resistências que agem contra o processo de transformação e cura. Na corrente, a firmeza de cada um está diretamente associada à capacidade de permanecer em seu lugar, independentemente do que possa ocorrer durante o trabalho, firmado no hinário, cantando com fé e alegria.

⁵⁹ Entrevistado em 10/07/2004.

⁶⁰ Entrevistada em 24/04/2004.

Por fim, a idéia de firmeza permeia todos os outros tipos de peia já descritos, a peia de pensamento, por despreparo, por desatenção, etc., e não representa uma atitude adquirida. Ela deve ser, a todo momento, exercitada e renovada, tanto no ritual como na vida. A peia age, nesse sentido, como uma motivadora para que a firmeza se perpetue.

5.2.5. Outros tipos de peia

a) Desunião

Conforme já apontamos, é dever de cada fardado tomar o daime e se compor em seu lugar, em harmonia consigo mesmo e com os irmãos. A qualidade do trabalho está intimamente relacionada com o grau de afinidade entre os membros que compõem a corrente. Dessa forma, conflitos pessoais internos à corrente, diferenças a serem resolvidas, sentimentos e atos egoístas, entre outros, contribuem para a desarmonia e constituem uma fonte e motivo de peia para todos.

(C) Durante um trabalho espiritual, pro trabalho "decolar", pro trabalho "subir", precisa estar a harmonia total. Eu já tive a experiência de estar no trabalho assim...totalmente harmonizado. Aquilo ali, meu amigo, é um primor. Sabe aquela primozia que os hinos descrevem? É aquele primor, aquilo se apresenta no salão. Então não tem nem um nem outro. É tudo uma coisa só. É único, é um momento único, não tem individualismo, é um grupo, é uma massa, é uma energia. Então você sente a harmonia total. Quando tem duas ou três pessoas no salão em desarmonia, o salão inteiro leva peia por conta daquelas três ou quatro pessoas, que estão em desarmonia. Então, o trabalho não decola, são sobe. Aí a peia é geral, entendeu? **Que todo mundo leva por conta de meia dúzia**⁶¹.

O depoimento reforça aquilo que tratamos no capítulo anterior sobre a peia coletiva. A desarmonia de poucos influi na harmonia de muitos. Os focos de desarmonia representam centros de atração para sentimentos e/ou pensamentos em igual sintonia, e tendem a se espalhar pela corrente. O mesmo informante continua.

Quando as pessoas estão na união, a peia se afasta, ou seja, a harmonia toma conta do salão. Quando existe algum desentendimento, quando existe alguma desarmonia entre as pessoas que estão ali naquele momento, você percebe a energia, não é uma coisa que se veja, mas você percebe a ação dela naquele grupo de pessoas. **A peia está na desarmonia.** Porque onde tem harmonia não tem peia. Onde tem união, não tem peia⁶².

Há, portanto, uma tendência ao contágio da desarmonia, quando essa se instala, e esta é regulada pela peia. Ela, por outro lado, deixa de existir no momento em que a harmonia retorna ao salão. Ao relatarmos a "grande peia de 1994", o motivo principal da "peia geral" vivida por todos era a desunião e a luta pelo poder. Passada "a grande peia", a situação se harmonizou com o estabelecimento de novos pontos de daime. Podemos dizer, no que se refere à união ou desunião, que a peia tem uma função amenizadora das tensões, no sentido de que as partes envolvidas no conflito se verão "obrigadas" a meditar sobre o ocorrido. Nas palavras de um fardado ao comentar um desentendimento, durante o trabalho, entre duas pessoas, "quando um não quer, dois não levam peia".

b) *Humildade*

O depoimento abaixo transparece dois aspectos inter-relacionados da experiência, o processo de iniciação com o daime e o comportamento do fiel durante esse processo.

As pessoas não estão preparadas para essa abertura toda. Então, às vezes, acabam entrando na peia, às vezes, por falta de humildade. Quase sempre porque a pessoa acha que já sabe, ou então que já é a "dona do pedaço", já está tudo certo, já pode "cantar de galo", então ai acaba entrando na peia. A peia vem como uma consequência, um castigo, uma chinelada mesmo⁶³.

A experiência exige uma "preparação" a qual, em geral, poucos estão prontos. Para entender os hinos é preciso um "estudo fino"⁶⁴. Nesse processo, a falta de humildade, expressa na fala do

⁶¹ Entrevistado em 18/05/2004.

⁶² Entrevistado em 18/05/2004.

⁶³ Entrevistado em 18/05/2004.

⁶⁴ O "estudo fino" indica a atenção necessária nos ensinamentos expressos nos hinos. Essa expressão faz parte do linguajar próprio do daimista, e encontra referência no hino 102 do mestre Irineu, *Sou filho desta Verdade*, cujo estrofe final trás: *estudo fino, estudo fino/ que é preciso conhecer / para ser bom professor / apresentar o seu saber.*

informante como um "achar-se o dono do pedaço" ou querer "cantar de galo", é castigada pela peia. Os hinos dizem que é preciso "ser pequeno", não querer "se engrandecer" e ter humildade, conforme averiguamos abaixo.

93 – *Sou humilde* (mestre Irineu)

Chamei lá nas alturas
A minha mãe me respondeu
Sou humilde, sou humilde
Sou humilde um filho seu

(...)

94 – *Perguntei a todo mundo* (mestre Irineu)

(...)

Todo mundo quer ser grande
Me deixaram eu ficar só
Fico com a Virgem Maria
Estou com a força maior.

90 – *A Justiça está na Terra* (padrinho Sebastião)

(...)

Meu Pai é tão formoso
E se compõe em seu lugar em Seu lugar
Meu pai não se orgulha
E muito querem se julgar

(...)

O que eu pedir a meu Pai
Com amor Ele me dá
Eu faço o mundo escurecer
E faço tudo balançar

A questão da humildade, expressas em diferentes falas e no hinos, apontam para a relação de poder que se estabelece entre o fiel e o daime. O fiel deve seguir as instruções do ser divino contidos

no daime que é, também, o próprio daime. Esse ser divino trás uma verdade sagrada, segundo padrinho Sebastião, contida nas Escrituras e também no daime.

A Escritura não é mentirosa, Deus não mente. Isto é o que eu estou lhe dizendo. Se a Escritura não é mentirosa e Deus não mente, o daime não engana ninguém. O daime não engana pessoa alguma. É uma escritura de quem não sabe ler. **Revela-se a qualquer um**, qualquer uma pessoa (...) **todo mundo é sabido**, todo mundo tá no céu! E quando dá fé, **o pau desce!**⁶⁵.

O daime apresenta, nas palavras do padrinho Sebastião, e na concepção geral dos daimistas, vontade própria e "revela-se" a quem quiser, seja ele fardado ou não fardado. No contado do fiel com esse "ser divino", aqueles que "são sabidos" são punidos, o "pau desce". No âmbito das relações sociais do grupo, condutas tidas como arrogantes são condenadas. Por outro lado, há uma certa tolerância a esse comportamento, principalmente em relação aos novos fardados, pois acredita-se que esse procedimento é normal no começo e, com o tempo, o "ego" tende a "desinflar" em decorrência das sucessivas peias. A modificação desse aspecto da personalidade tende a facilitar, por sua vez, a inserção do novo fardado no grupo.

c) O sofrimento

Embora os momentos de dificuldades, tanto no ritual como na vida, sejam vistos como inerentes ao processo de desenvolvimento, esses devem ser corajosamente enfrentados, com alegria, como sugere um trecho do hino da Madrinha Rita, viúva do Padrinho Sebastião: *estou dentro da batalha sofrendo mas sou feliz*. As peias devem ser encaradas com um processo de "lapidação" do caráter de cada um, como sugere R.C.

Não é pensar que você está sofrendo, que é um sofrimento. É pensar que a peia é uma apuração. Que **você está se lapidando pra chegar lá**. Todo mundo leva peia. Tem umas conscientes e umas inconscientes, tá levando a peia de qualquer jeito, não tem essa! Comparando, por exemplo, meus pais, eles tem uma vida sofrida, trabalhando,

⁶⁵ A.P.ALVERGA, *Op. Cit.*, p. 94.

pagando aluguel. Então, não tomam daime, não tem uma busca, mas porque não tem uma busca não quer dizer que não tem uma peia. Essa peia do dia-a-dia⁶⁶.

O fiel ainda relata que a peia é para todos, estejam as pessoas engajadas ou não em uma busca religiosa. A consciência a respeito das causas do sofrimento e de suas conseqüências, por sua vez, tendem a suavizar, ou mesmo extinguir, a peia. Quando os sintomas de uma atitude sofredora são combatidos com um estado de espírito alegre e tranqüilo, a peia se afasta. O depoimento abaixo deixa explícita essas idéias.

(L.S.) Quando eu estou no trabalho alegre, por mais difícil que esteja, se estou alegre o sofrimento passa logo. Tem os sofredores que ficam na espreita, te tentando, só esperando você bobear. Às vezes, é um pensamento solto, uma tristeza que vem e fica, e principalmente o medo (como o Padrinho falava, o medo e a dúvida são os grandes inimigos), esse, quando chega, é peia na certa. Mas não é dizer que vem de fora não, porque se você está na tranqüilidade, na alegria, então está firme, e o medo dos outros não te tira do lugar não, porque você sabe que não é seu. Agora, quando a gente tem aquilo na gente, aí você entra nessa freqüência baixa e quando vê tá todo confuso. Quando vem esse "medão", e todo mundo sente, por isso que os hinos estão falando toda a hora que não é para ter medo. É para confiar em Deus, em Jesus, na Virgem Maria. Quando o medo vem eu tento respirar fundo, ficar calmo, manter a tranqüilidade. Se você segura ele vai embora. **Não é que fica corajoso, é que perde o medo de ter medo**⁶⁷.

Um outra idéia que pontua a fala diz respeito à ação de seres espirituais obsessores. Se por um lado, um estado de alegria e confiança impede a ação desses seres, por outro, o domínio pelo medo atrai entidades que atuam em uma "freqüência baixa". A fala aponta para as palavras do padrinho Sebastião sobre o medo e encontra-se expressa no discurso de vários fiéis.

Não vá ficar com medo, nem pensar que vai apanhar e isso e aquilo não! (...) "Medo não adianta pra ninguém, só tira o valor que a gente tem". É a mesma coisa da ilusão, né? O medo vem da ilusão! É que você fez alguma coisa, quando vai a procura do daime, aquela dúvida já vem... "Oh, Meu Deus! Será que eu vou pagar por isso?" (...) Passou e pronto! Vamos caprichar de agora pra frente. Meu irmão, todo mundo tá perdoado! Se a gente vai pra um serviço desse, recebe o perdão e não tira a culpa da mente, o jeito é sofrer...fica direto naquilo, com aquilo! Tá sofrendo porque o Eu está amarrado. Não pode voar porque está preso, numa besteira de nada! Perdoou, pronto! Tá perdoado! Não tem culpa pra ninguém não! Você fez por inocência, como uma criança que

⁶⁶ Entrevistado em 10/07/2004.

⁶⁷ Entrevistado em 10/12/2003.

está aprendendo (...) ai ele (o daime) nos acorda, o sujeito passa aquilo tudo, mas tá limpo! Agora, daí pra diante, peça licença! Confessa-te a ti mesmo, meu irmão e não repita o erro (...) Não entre mais nessa que você vai sofrer. E se der três pancadas ai no peito esquerdo...pum, pum, pum, você já tá avisado. O coração acelera, acusa, quando a gente vai fazer uma besteira⁶⁸.

As palavras do padrinho Sebastião reforçam a nossa visão a respeito das dimensões da peia. O perdão é dado a todos que se arrependem, é necessário contudo que se aceite esse perdão e deixe o sofrimento anterior passar. O resultado da perda da "inocência", que nesse contexto pode ser usado como um sinônimo de inconsciência, é o auto-conhecimento. O preço a se pagar por esse "novo" conhecimento adquirido é a honestidade consigo mesmo e a correção. Uma vez que a situação esteja clara, isto é, quando deixa de ser "inocente", não lhe é mais permitido cometer o mesmo "erro" impunemente.

d) Peia por falta de fé

A "falta de fé" foi apontada como um motivo de peia na medida em que falta a firmeza necessária para enfrentar os percalços do caminho, sabidamente difícil e cheio de provações. Por outro lado, essa peia serve no fortalecimento e aprimoramento do adepto, uma vez que ninguém tem fé o suficiente para que não leve peia. Uma fiel, L.G.⁶⁹, define a firmeza como o *momento em que se tem a certeza absoluta em Deus*, sua fala complementa: *Firmeza é fé. É caminhar com fé. É isso! A fé, ou melhor, a sua falta, foi usada para exprimir as razões para o afastamento de fardados com um certo tempo de casa. Perguntei à R.C. se haveria uma relação entre a peia e o desligamento voluntário dessas pessoas, sua resposta foi imediata e categórica: Eu acredito que é. Peia é a falta de fé, né? Se ele tem fé, ele fica!* Na seqüência de sua fala, descreve o momento em que chegou no Santo Daime acompanhado de outros dois amigos que tinham um histórico de dependência comum. Segundo ele,

⁶⁸ A.P.ALVERGA, *Op. Cit.*, p. 153.

todos levavam peia, inclusive ele. Em determinado momento da entrevista afirma que *é impossível, até o Papa, se tomar daime, leva peia*, para expressar a inevitabilidade da peia em relação à experiência com a bebida e com a doutrina de mestre Irineu. O adepto prossegue em seu relato:

Mais aí o que aconteceu ? Eu comecei a levar as minhas peias, eu comecei a segurar as minhas peias. Eu falava "a culpa não é do daime, a culpa é minha, é eu que estou errado", e (o daime) me mostrava "é você que está errado, nisso, nisso". E os meus amigos também no mesmo processo⁷⁰.

Após algum tempo, seus amigos deixaram de freqüentar os rituais e ele permaneceu, se fardou, e continua até hoje um daimista. Os amigos, segundo ele, continuam a negar as suas peias e permanecem com os mesmos problemas, enquanto ele adotou uma postura de enfrentamento das peias pois, ignorá-las, traria conseqüências mais graves.

Resultado...eu estou dentro do daime, hoje em dia, e graças a Deus, eu estou bem (...) e esses dois amigos estão afastados, desempregados, estão apanhando ainda, porque não quiseram enfrentar a peia naquele momento, né ? Eu já não, eu vi que é peia, eu falei "é peia", então eu vou enfrentar agora, eu não vou enfrentar lá na frente, porque ... (dá entender com gestos que a peia fica maior)⁷¹.

A dúvida é apontada como um elemento que compõe essa "falta de fé", ela abre, segundo os relatos, uma brecha para a ação de influências negativas que tendem a jogá-lo em "tranças" e/ou em uma peia coletiva. V. associa essa dúvida ao questionamento dos conteúdos que se apresentam na experiência, em uma não entrega ao próprio trabalho, ao ritmo da corrente e aos ensinamentos dos hinos.

Normalmente a gente tem uma tendência muito grande de fazer o contrário (em relação à entrega), de ficar pensando: "ah! Então, mas será? Não sei que...", e aí vem a tal peia dos outros, porque você está ali na corrente para fazer uma coisa e acaba fazendo outra, aí se abre para o outro lado da história, se abre para a energia pesada que está rolando. Estou falando assim, que a corrente às vezes está carregada, não é questão de responsabilizar as

⁶⁹ Entrevistada em 15/07/2004.

⁷⁰ Entrevistado em 10/07/2004.

⁷¹ Entrevistado em 10/07/2004.

outras pessoas da corrente. É que cada um tem as suas coisas, cada um tem os seus defeitos, cada um tem os seus problemas, cada um tem os seus "bichos", e cada um chega lá carregando tudo isso. Aí, se um dia que vários estão, sei lá, meio "de bode", às vezes acontece e você entra junto na história. E aí, até em peia que não é tua...⁷²

e) Peia por rebeldia

A rebeldia corresponde à resistência da pessoa ao poder do daime, e tem como consequência a peia, como explicita um trecho de um dos hinos que compõem o hinário de São Miguel: *peia pra quem é rebelde, o fiscal que veio foi para apurar*. A rebeldia, no contexto daimista, pressupõe uma consciência das obrigações de ser um fardado. O "rebelde", portanto, ignora ou infringe uma norma ou uma "instrução" recebida. Nas palavras de um fiscal (C), *you tem a consciencia de que aquilo ali não é uma coisa correta, e you vai e faz, é porque está procurando a peia. Então vem peia de nós mesmos, do nosso comportamento*. Sua fala é indicadora da natureza da rebeldia, embora se acredite que ela possa ser estimulada, ou mesmo iniciada, por uma ação externa⁷³, a rebeldia associa-se essencialmente à atitudes e comportamentos contrários ao modelo proposto pelos hinários, seja durante os trabalhos, seja na vida.

Um adepto descreve uma peia a qual classificou como "uma peia por rebeldia". O fardado tinha um histórico de abuso de álcool e drogas quando passou a freqüentar o Santo Daime. Logo nos primeiros trabalhos reduziu o consumo dessas substâncias vindo, subseqüentemente, a abandoná-las. Passado algum tempo, entre 1 e 1 ano e meio, após seu ingresso no centro daimista, consumiu cocaína. O adepto conta a experiência.

Foi o caso também de uma vez, com 1 ano de daime, 1 ano e meio, não lembro, eu fui cheirar cocaína. Cheirei, e só fui tomar daime depois de um tempo. Eu já tinha esquecido, mas

⁷² Entrevistado em 09/07/2003.

ele (o daime) não esqueceu... Ai pegou mesmo...**mas aí eu vi também , levei aquela peia.** Mas aí eu falei assim: "Simples, não faço mais. Faz mal, faz isso, desequilibra, abre as portas para o pessoal das trevas entrar, fazer o que quer comigo". Você acha que eu vou fazer de novo? **Se eu fizer, vai ficar pior ainda.** Então eu tenho que me manter equilibrado, consciente, de bem comigo mesmo....não posso beber em público, não posso fumar cigarro, entendeu? Se quiser fumar um cigarro, por exemplo, tudo bem, fuma. Mas (o daime) te avisou, te faz mal. Quando for para trabalhar, eu sofro aqui no corpo, é impressionante. Agora, se eu fumo tabaco, até dá uma cansada mas deu uma suadinha já limpou, consigo correr, consigo respirar. Se entrar cigarro no corpo...eu estou devendo. Quer fazer faz, mas faz mal⁷⁴.

Esse depoimento reforça outros relatos no que diz respeito a associação de um comportamento ou hábito inadequado – um vício, o consumo de drogas - com a influencia negativa, que o fiel chama de "pessoal das trevas". Essas forças seriam capazes de fazer o que quisessem dele. É interessante que, em relação ao hábito de beber, esse não foi totalmente eliminado. Em sua fala, diz que não bebe em público, me informou, porém, que algumas raras vezes, quando seu corpo "sente falta de álcool", bebe uma cervejinha em casa, e sempre sozinho⁷⁵. Com relação ao tabagismo, consome fumo de corda que, segundo ele, não lhe faz tão mal ⁷⁶. Seu depoimento sugere que, apesar da rigidez de hábitos aparentemente imposta pela peia, há espaço para uma "negociação", ou ainda uma adequação de hábitos e supostas exigências. Isso já foi anteriormente percebido em relação aos diferentes modos de preparação para o ritual. Os discursos ouvidos apontam para a idéia de que a peia está diretamente ligada a algum tipo de sentimento de culpa mais do que à imposições rígidas

⁷³ Espíritos zombadores, pensamentos trocados, influência de outras pessoas, etc.

⁷⁴ Entrevistado em 10/07/2004.

⁷⁵ Com relação às drogas, como a cocaína, o adepto afirma nunca mais ter consumido desde aquela peia.

⁷⁶ Esse fiel apresentava um interesse particular em relação ao xamanismo mais clássico, pelo menos em termos literários. Me mostrou uma coleção de cachimbos feitos por ele para fumar tabaco, embora o consumisse também em seu cotidiano. Essa posição, em relação ao tabaco, é particular e não expressa um consenso. Para esse adepto, a permissão de continuar consumindo tabaco lhe fora dada pelo próprio daime, com a condição de que não mais consumisse cigarros industrializados.

estabelecidas. Não podemos ignorar a ação da influencia do grupo sobre o indivíduo que, ao ir contra uma idéia comum do grupo, deve ter "firmeza" o suficiente para "mostrar e provar a sua verdade"⁷⁷.

O mesmo adepto fala mais sobre a questão do tabagismo. Ele havia recebido uma "instrução" para parar de fumar a qual, de início, seguiu à risca. Porém, após algum tempo, retornou a fumar sem que sofresse quaisquer "sanções". Ele continua o relato.

Foi assim, foi assim até que chegou uma semana que o ego estava tão forte que eu disse " ah, quer saber... ". Aí teve um trabalho de cura...rapaz, na hora que o daime deu aquela "chacoalhada", eu estava que não me agüentava no salão, (eu dizia) " ai meu Deus me perdoe... ". Ele avisou!. Eu lembro que eu mirava e na miração vinha assim, na estrela, na mesa, eu via um maço de LM nitidamente, e era o cigarro que eu estava fumando na época. Estava começando a coisa, estava vindo a miração que era a peia...imagina, você está mirando um maço de cigarro...é a peia que está chegando. Ai me deu uma chacoalhada grande⁷⁸.

A ação da peia nos relatos sobre a rebeldia é bastante claro. Ela opera no sentido de punir as individualidades, quando essas vão contra o modelo de conduta proposto. No entanto, ela abre o espaço para a negociação dessa conduta de forma que, embora a peia aja como um instrumento de natureza homogeneizadora, ela não elimina por completo as particularidades e permite nuances nos hábitos e costumes.

Os tipos de peias apresentadas, por despreparo, pela falta de atenção, de fé, de humildade, pelo "mal pensar", entre outros, apontam para o caráter mediador do fenômeno. A peia exerce, dessa forma, um papel de auxiliar no processo de doutrinação. O equilíbrio da tensão entre estrutura e antiestrutura tende para a primeira, para a doutrina, e para a integração do indivíduo com os preceitos daimistas e para a união de todos em torno desses preceitos. No retorno para o tempo e espaço

⁷⁷ Utilizou-me de termos nativos que estão associados à performance ritual do adepto. A referida "negociação" se dá, via de regra, nos rituais.

⁷⁸ Entrevistado em 10/07/2004.

cotidianos, esses indivíduos devem carregar consigo o aprendizado adquirido durante o ritual, conscientes das conseqüências do não seguimento das "instruções" recebidas.

A modificação e aprimoramento da conduta serão constantemente postos à prova em futuros trabalhos ou em eventos do cotidiano do sujeito. A peia, nesse sentido, é parte fundamental do imaginário daimista a respeito das doença e da cura dessas doenças. Conforme verificamos, a doença, embora possa ter uma manifestação orgânica, está sempre associada à desarmonia, ao caos, a desordem ou débitos de outras vidas. A busca da saúde implica no descobrimento das razões encobertas causadoras desse estado desarmônico e representa não um estado, mas um processo em que todos os fieis se inserem, e que tem como fim a salvação do espíritos, o bem estar, a saúde física, a harmonia, etc. A teoria da *estrutura-antiestrutura-liminaridade* de TURNER permite que visualizemos essa dinâmica de forma razoavelmente clara. Percebe-se que o indivíduo, quando passa a freqüentar os rituais, tende a assumir novas posições em relação à doutrina e à própria vida, sempre expressas pelo adequamento moral ao modelo o qual é exposto. Por outro lado, aqueles que não se adequam à esse modelo tem maior dificuldade de serem aceitos pelo grupo e, no decorrer do tempo, e após algumas peias, geralmente se afastam. Não pensamos que essa é uma característica exclusiva do Santo Daime, pelo contrário, ela também existe em outras religiões ayahuasqueiras e grupos religiosos⁷⁹. No Santo Daime, essa dinâmica é resumida pela frase constantemente repetida em situações que caracterizam o não prosseguimento de um novato nas atividades, ou no desligamento voluntário de um fardado: "o daime é para todos, mas nem todos são para o daime".

Se a perspectiva analítica de TURNER, por um lado, nos permite visualizar o processo ritual em seu todo, sua natureza e relações mais aparentes, por outro lado, ela não deixa transparecer outros aspectos do ritual e, obviamente, da peia, que no nosso entendimento seriam de grande auxílio e

interesse para uma compreensão mais abrangente do fenômeno. De outra forma, a análise sob a perspectiva até aqui utilizada lança luzes sobre aspectos do grupo, da doutrina e do próprio ritual, mas pouco diz da experiência em si para o indivíduo. Buscaremos agora complementar o estudo da peia através da apresentação de outros relatos que realcem o valor da experiência para o indivíduo, isto é, aquele que leva a peia.

5.3. A peia, o símbolo e a sombra

A concepção das doenças e processos de cura no Santo Daime constituem um modelo de natureza holística inspirado no xamanismo, e reforçado pela ideologia esotérica e espírita⁸⁰. A origem da palavra "holístico" vem do grego *holos*, que significa "todo" e, segundo RAMOS, foi usada inicialmente, em 1926, para designar *o conceito de que o universo seria um conjunto em constante formação. Haveria uma força vital responsável pela formação de conjuntos em diferentes níveis: ideológico, biológico e psicológico*⁸¹. Dessa forma, o todo estaria presente em tudo, e, conseqüentemente, também na doença. A autora faz uma crítica à excessiva especialização da medicina, que tende a tratar a doença sem considerar o paciente como um todo. RAMOS completa.

O pensamento científico moderno, tanto na física e na química como na biologia e na psicologia, tem nos levado a uma visão de mundo que se aproxima de certo modo daquela das culturas mais tradicionais e "naturais". Assim, novas tendências começaram a falar de um princípio holístico ou força psíquica maior que qualquer evento neurobiológico e as descrições moleculares da vida psíquica começaram a revelar a interdependência mente-corpo como uma unidade significativa⁸².

⁷⁹ A pesquisadora Sandra GOULART trabalha essa questão entre o "nós" e os "outros" em sua tese de doutorado, pela Unicamp, onde analisa os diferentes discursos existentes em diferentes linhas do Santo Daime, da União do Vegetal e da Barquinha.

⁸⁰ A influência dessas tradições no pensamento daimista está explicitada em quase toda a obra de Sandra GOULART, *Raízes Culturais do Santo Daime*, passim.

⁸¹ D. G. RAMOS. *A psique do corpo: uma compreensão simbólica da doença*, p. 34.

⁸² *Ibid*, p. 35.

Embora não haja, entre os daimistas, qualquer restrição ao tratamento de doenças com médicos⁸³, o daime é considerado o remédio mais eficaz contra as doenças, pois é capaz de mostrar suas verdadeiras causas. Para os daimistas, uma doença física traz geralmente uma causa não visível, de ordem espiritual e/ou moral, como sugere o depoimento abaixo.

(R.C.) Vamos supor ... um amigo meu me deu um soco e daqui meia-hora eu passo e cumprimento ele numa boa ... impossível você não guardar esse rancor. E mesmo que depois de dois, três dias, ele vem e pede desculpas, você guarda aquele rancor. E isso vai perturbando. Você vai ficando agressivo porque aquilo não sai e, na tua mente, a coisa fica uma doença. **Tudo que está dentro sai pra fora.** Um exemplo, o câncer. Pôxa, qual a pessoa na sociedade que não tem chance de ficar com câncer? Vai guardando todos aqueles pensamentos dentro de si, e **aquilo lá se manifesta de alguma forma em algum ponto do corpo físico.** Tá lá pra ensinar a pessoa. Então, às vezes, "pega" um câncer, e Deus deixou que apresentasse aquilo para poder ensinar a pessoa o caminho do perdão e conhecimento do poder mesmo que existe. Então em tudo, nas coisas que acontecem, há sempre um propósito específico. Então peia é um desenvolvimento, você se desenvolver realmente naquele momento em que não tem mais como você agüentar. Aquilo é "agora" e "vai que vai"⁸⁴.

A fala acima ilustra bem a crença sobre o surgimento das doenças. O relato é também interessante, pois se por um lado há a exaltação da ordem, da harmonia e da união entre todos, por outro, a apreensão desses valores não pode se dar de forma superficial. Na fala, a doença surge de pensamentos e sentimentos rancorosos reprimidos, que tendem a se manifestar fisicamente. Deus, segundo o informante, permite que a doença se manifeste para que o sujeito aprenda sobre a necessidade do perdão. Mais do que um valor constantemente referido nos hinos e incentivado por todos, a necessidade de perdoar as ofensas torna-se uma questão relacionada à própria saúde, uma vez que age contra o acúmulo de ranços, cuja ação é potencialmente patogênica. RAMOS compara o psicoterapeuta com o xamã, para a autora, este último é precursor do uso das técnicas de transe, psicodrama, análise dos sonhos, sugestão e imaginação. Uma diferença marcante, relativa ao processo terapêutico, recai sobre o direcionamento da experiência, isto é, *enquanto o xamã retoma com o paciente os valores de sua cultura através do mito coletivo, o psicoterapeuta moderno procura no*

⁸³ O próprio padrinho Sebastião foi levado ao Rio de Janeiro, onde veio a falecer, para tratamento médico.

*passado inconsciente do paciente seu mito pessoal*⁸⁵. No caso do Santo Daime, não há a figura do xamã ou do terapeuta como mediador entre o paciente e o “desconhecido”. Na concepção nativa, essa mediação é feita pelo próprio daime⁸⁶. O mito coletivo toma vida, forma e significado nos rituais através das mirações, peias e demais modificações cognitivas estruturadas pelos hinos, que servem de roteiro para a experiência extática. Acredita-se que todos tenham uma história pregressa em comum em outra, ou outras vidas, e encontram-se juntos na doutrina, para reviver essas experiências⁸⁷. Por outro lado, esse reencontro só é possível pela orientação de cada um na busca do conhecimento sobre si mesmo e da descoberta da própria natureza e missão espirituais. Portanto, a ausência do xamã e do psicoterapeuta faz com que cada um busque o seu mito pessoal por si próprio, ao mesmo tempo, esses mitos tendem a enquadrar-se dentro de um mito coletivo, no qual cada um tem uma missão e papel específicos. COUTO afirma que cada daimista é um “xamã em potencial”, acrescentaríamos à sua classificação que, cada daimista, é também um psicoterapeuta (de si mesmo) em potencial. Na tradição xamânica, a doença é causada por elementos exógenos, como a ação de seres sobrenaturais ou pelo ataque de um xamã inimigo. Embora essa influência externa não seja ignorada no contexto daimista, é dentro de si que o doente deve buscar a sua cura, através do autoconhecimento e do aprimoramento moral.

RAMOS propõe um modelo teórico, baseado na psicologia analítica, para o tratamento das chamadas doenças psicossomáticas. O termo “psicossomático” é, segundo a autora, freqüentemente usado para classificar moléstias sem diagnósticos claramente orgânicos. O seu uso moderno, contudo,

⁸⁴ Entrevistado em 10/07/2004.

⁸⁵ D.G.RAMOS. *Op. Cit.*, p. 15.

⁸⁶ LembRAMOS mais uma vez que para um daimista é um “ser divino”, com vontade e ações próprias. A bebida também é constantemente usada como remédio (principalmente nas comunidades) e o seu uso, manuseio e estocagem é cercado de cuidados. Quando um pouco de daime cai no chão, o local deve ser regado com água. Em outra situação, na hora do despacho, deve-se beber todo o conteúdo do copo servido, pois crê-se que naquela dose está a medida exata de cada um, que não pode ser consumida por outro. Durante os feitios é vetado a participação das mulheres, etc.

passa a expressar a relação de interdependência entre corpo e mente em todos os estágios da saúde e da doença. Para a autora, *seria um reducionismo considerar que há doenças de causas puramente psicológicas ou puramente orgânicas. Há sempre um pluralismo na observação de qualquer fenômeno*⁸⁸. Conclui, assim, que haveria uma tendência para que todas as doenças fossem consideradas psicossomáticas na medida em que *elas envolvem a inter-relação contínua entre corpo e mente na sua origem, desenvolvimento e cura*⁸⁹.

Os sintomas somáticos, para a autora, tem uma relação com os chamados complexos, representam uma cisão na representação simbólica desses complexos, onde a parte abstrata psíquica fica reprimida. A autoria dos "complexos", embora o termo tenha sido anteriormente empregado por BREUER e FREUD em *Estudos sobre a histeria*⁹⁰ em fins do século XIX, é comumente atribuída a Carl JUNG⁹¹. Com base nos resultados observados em seus experimentos com as associações verbais, JUNG afirma que *uma só palavra, um só gesto pode atingir a ferida e evidenciar o complexo à espreita no fundo da alma*⁹². Nesses experimentos, os pacientes eram expostos a uma série de palavras, sem aparente relação entre si, e tinham suas reações avaliadas. Para JUNG, *um determinado número de palavras-estímulo não são respondidas por intenção consciente, mas por certos conteúdos autônomos, acerca dos quais a pessoa examinada muitas vezes não faz a menor idéia*⁹³. JUNG conclui algumas palavras indutoras atingem conteúdos emocionais ocultados no inconsciente do indivíduo, esses conteúdos emocionais, por sua vez, são constituídos de "complexos de idéias" fortemente carregados de afetividade, chamados de "complexos de afetividade" ou simplesmente

⁸⁷ Diversos relatos e hinos dão conta desse fato. Sebastião Mota de Melo seria o mesmo espírito de São João Batista e os seus "afilhados" teriam sido batizados por ele nas águas do Rio Jordão. No Alto Santo, onde a liderança de Sebastião Mota não é reconhecida, a identidade de São João Batista é assumida pelo sr. Raimundo Gomes.

⁸⁸ D.G.RAMOS, *Op. Cit.*, p. 36.

⁸⁹ *Ibid*, p. 36.

⁹⁰ J. BREUER e S. FREUD. *Studies on Hysteria* In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Vol. 2*, London: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1895.

⁹¹ DICIONÁRIO JUNGUIANO, pp. 101-109.

⁹² C.G. JUNG. *A psicologia da dementia praecox: um ensaio* apud P.F.Pieri. *Dicionário Junguiano*, p. 101.

⁹³ *Idem.*, *Psicologia e Religião*, p. 15.

"complexos"⁹⁴. Os complexos são núcleos psíquicos, mais ou menos autônomos, agregadores de energia psíquica de mesma natureza. Dessa forma, os complexos tornam-se empecilhos quando o consciente não os reconhece, os reprimindo ou rejeitando. Os complexos, então, tendem a agir "livremente" como "entidades" independentes da consciência. Em casos de repressão extrema, essa disfunção entre o consciente e o inconsciente podem ser psicossomatizadas. No entanto, o enfrentamento desses conteúdos reprimidos permite a "conscientização" e agregação desses núcleos, e a conseqüente diminuição de sua autonomia. JUNG fala da relação entre os complexos e a consciência.

Certos complexos só estão separados da consciência porque esta preferiu descartar-se deles, mediante a repressão. Mas há outros complexos que nunca estiveram na consciência e, por isso, nunca foram reprimidos voluntariamente. Brotam do inconsciente e invadem a consciência com suas convicções e seus impulsos estranhos e imutáveis⁹⁵.

Vemos então que o fluxo psico-energético tende a fluir no sentido da integração dos complexos. Esse "movimento" enquadra-se num quadro teórico mais amplo que caracteriza o processo de individuação, nele, há também o deslocamento do "centro da consciência" do ego para o *self*. Esses conteúdos reprimidos são simbolizados para que sejam "entendidos" pelo consciente, os sintomas psicossomáticos, como dores, inflamações e outras alterações orgânicas, são para RAMOS representações pouco elaboradas desses conteúdos reprimidos, ou complexos, que passam então a agir autonomamente na forma de doenças.

O emprego do modelo analítico no tratamento dos pacientes levou à descoberta e integração da polaridade abstrata dos complexos envolvidos. Isto é, através do modelo analítico e de suas técnicas psicoterápicas, foi possível a transdução dos sintomas de sua polaridade orgânica para a abstrata, levando a uma gradual diminuição de sua expressividade patológica e provocando uma melhora na saúde geral do paciente⁹⁶.

⁹⁴ N. da SILVEIRA. *Jung: vida e obra*, p. 31.

⁹⁵ C.G. JUNG. *Psicologia e Religião*, pp. 15, 16.

⁹⁶ *Ibid*, p. 118.

Em outras palavras, a somatização dos complexos seria representativa de um processo de simbolização mais primitivo do indivíduo em decorrência de uma disfunção na capacidade de representação simbólica abstrata. *O fato de um paciente somatizar, (...), não significa que ele não simbolize, mas, sim, que essa simbolização acontece no plano somático*⁹⁷. O processo psicoterápico, portanto, funcionaria no sentido de auxiliar o paciente na re-integração dos conteúdos reprimidos através do desenvolvimento de sua capacidade de representar simbolicamente, de forma abstrata e não mais orgânica, esses mesmos conteúdos inconscientes reprimidos.

A análise até aqui efetuada, de caráter mais antropológico, nos permitiu classificar a peia como uma instância de cura, um processo apurativo e disciplinador, que leva o fiel a um conhecimento da doença e de suas causas, e a uma conseqüente transformação de sua conduta para a obtenção da cura desejada. A doença, mais do que um estado, torna-se um processo que exige do adepto esforços contínuos em direção à sua limpeza espiritual. No entanto, essa abordagem pouco diz sobre sua ação terapêutica, isto é, dos seus mecanismos de sua eficácia simbólica. O modelo analítico desenvolvido por RAMOS, ao nosso entender, nos fornece pistas importantes para adentrar a peia de forma a dar alguma visibilidade a esses mecanismos. O relato abaixo é ilustrativo da analogia entre esse modelo e a ação terapêutica da peia. O informante, R.C., é instrutor de tênis e fala sobre um problema físico que teve e de como ocorreu a sua cura. Esse depoimento foi anteriormente apresentado, porém, sem detalhes.

Pelo fato de jogar tênis, todo o tenista tem problemas no nervo ciático porque há um desequilíbrio muscular, dos lados, usa mais um lado e o outro não. Então, tinha uns 6 anos que eu estava com um problema no ciático e ficava doendo de travar as costas, travar as pernas, travar o corpo mesmo...e nunca consegui descobrir a causa. No ano passado...no ano retrasado, pelo fato de começar a usar muito mais o corpo porque estou trabalhando, esse nervo ciático inflamou, pela sobrecarga de exercícios (...) Eu fui tomar daime na virada do ano, eu fui tomar o daime com a perna já inflamada. Dentro do trabalho começou a vir as mirações, cenas do passado, do que aconteceu, em relação a eu e meus pais, eu com meus amigos, e até eu comigo mesmo. E apresentou essas mirações, a mostrar ...

⁹⁷ *Ibid*, p. 44.

e eu sem entender, e a perna doendo. Em determinado ponto dessa miração aconteceu mais ou menos como uma explosão de luz. Dentro dessa explosão de luz, automaticamente, eu tive que sair para fora para poder vomitar, né? Mas eu tinha tomado bastante daime, o trabalho estava bem forte, quer dizer, era parte do trabalho, hinário do padrinho Alfredo, e começou a vir a limpeza. E vem limpeza e não parava de limpar e eu sentia aquela dor na perna, **na medida em que ia saindo aquela coisa da perna, que estava no nervo, começou a vir as visões de todas as magoas, tristeza, raiva que estavam guardadas.** Pelo fato de eu ter parado de usar (a perna), então quando eu caí em cima dela e esse tornozelo ia ficando parado, então foi atrofiando, naturalmente, usando mais a outra, mais a outra, e ela foi atrofiando. Nessa de atrofiar ela começou a dar problemas. **Essa que foi desatrofiando foi como se fosse o processador do meu corpo, dos meus carmas no decorrer da vida.** Então fui fazendo, fui errando aqui, errando ali, magoando aqui, guardando mágoa, guardando rancor, principalmente mais o fato de estar guardando rancor. Eu fui absorvendo aquilo e **foi dentro do trabalho do daime, que veio essa peia,** foi um negócio assim bem difícil. **Mas essa peia já estava acontecendo** já tinha um tempo, no dia-a-dia. Quando chegou no trabalho essa peia explodiu mesmo, o negócio desencadeou. **Aconteceu de uma vez só para poder encerrar a história, né?** Ai, depois desse dia, nunca mais tive problema no nervo ciático. Passou⁹⁸.

O fiel associa a inflamação em seu nervo à retenção e acúmulo de rancores, mágoas e sentimentos de culpa por erros cometidos com os outros e consigo mesmo. O problema, que já vinha se estendendo por alguns anos e se intensificara no último ano, o estava impossibilitando de desempenhar suas atividades profissionais e o atrapalhava em sua vida como um todo. Seu relato é paradigmático do modelo de RAMOS, que defende a idéia do símbolo como um terceiro elemento no fenômeno psique-corpo. Para a autora, o símbolo é

a expressão da percepção do fenômeno psique-corpo, feita através da percepção das alterações fisiológicas e das imagens referentes, sincronicamente. Um complexo tem sempre numa expressão simbólica corpórea, através da qual podemos ter a chave para a compreensão da doença. Neste caso, o símbolo aponta uma disfunção, um desvio que precisa ser corrigido, quando a relação ego-Self fica alterada⁹⁹.

Na fala de R.C. percebemos que há a sincronicidade entre “imagens do passado” e a dor na perna. Os conteúdos afetivos reprimidos vem à tona né medida em que “aquela coisa” que lhe sai da perna. O entendimento do ocorrido associa o pouco uso de uma das pernas à inabilidade do entrevistado em lidar com as próprias emoções, em relação à família, aos amigos e a si mesmo. A

⁹⁸ Entrevistado em 10/07/2004.

⁹⁹ D.G.RAMOS. *Op. Cit.*, p. 51.

“desatrofiação” da perna acompanha o processo de “limpeza”, de forma que R.C. confere ao nervo o papel de “processador” de seu corpo e carmas. Em seu entender essa peia, na qual se encontrava, já estava acontecendo, embora não tivesse consciência dela ou de suas causas¹⁰⁰. Podemos dizer, sob a perspectiva de RAMOS, que há uma somatização de conteúdos reprimidos, fortemente carregados de afetividade, pela incapacidade de uma simbolização mais abstrata. Na fala, no salão, as mirações começaram, as imagens não faziam qualquer sentido embora sentisse grande dor na perna. Ao sair para a sua limpeza, há a ligação entre as duas polaridades simbólicas, isto é, a miração (imagens) e a dor (a peia). O complexo seja ele qual for¹⁰¹, perde sua autonomia e o paciente afirma que, após essa peia, nunca mais teve problemas no nervo ciático.

Em outro relato, B. foi perguntado sobre a peia na caminhada para Aparecida do Norte¹⁰².

A gente inventa no caminho e no caminho mesmo acaba tomando peia. A intenção é a cura, sabe que vai andar, que vai ter um esforço, mas que vai aprender. E no decorrer disso, a gente acaba vacilando. É impressionante, é muito sutil, é uma bolha que te dá no pé, é uma dor que te dá ali, aqui. Quando “caí a ficha”, você vai associando...você vai vendo a peia. Você vai vendo a cura também¹⁰³.

Durante toda a caminhada, as pessoas estão sob o efeito da bebida que, por um lado lhes dá força para caminhar longas distâncias em um dia, e, por outro, exteriorizam suas fraquezas, despreparo físico e psicológico, temores, entre outros. A atenção aos menores detalhes, como bolhas

¹⁰⁰ O adepto associa essa peia a outros eventos de ordem pessoal ocorridos no mesmo período.

¹⁰¹ Sobre os complexos, nos baseamos em RAMOS que afirma: “Os sintomas somáticos ou psíquicos tem origem nos complexos. A constelação de um complexo provoca uma alteração no nível fisiológico e psicológico sincronicamente, quer o indivíduo tenha ou não percepção dessas alterações”. Cf. D.G.RAMOS, *Op. Cit.*, p. 58.

¹⁰² Todos os anos, é organizada uma romaria que sai da igreja daimista de Camanducaia, distrito de Monte Verde, Minas Gerais. Essa romaria é composta pelos fardados da casa, por diversos fardados de outras igrejas e também de não fardados. A caminhada se constitui em atravessar, seguindo os caminhos dos romeiros, a serra da Mantiqueira de Minas para São Paulo, até Aparecida do Norte. Durante todo o percurso, os caminhantes são servidos de despachos de daime. A caminhada para Aparecida ocorre todos os anos na primeira lua cheia após o final do festival do meio do ano, e é considerada uma prova de fé e resistência.

¹⁰³ Entrevistado em 28/03/2004.

no pé e dores “aqui e ali” fornece a chave para o entendimento de questões mais profundas. No transcorrer da jornada, o andante vê e sente a peia, mas “vai vendo a cura também”.

Os sintomas evidenciados durante a peia, como o desconforto estomacal e intestinal, a dor, a confusão mental, etc., agem como símbolos. Esses símbolos, por sua vez, estabelecem a comunicação entre o consciente, percebido pelo adepto através dos sintomas, e o seu inconsciente pessoal, isto é, sua sombra. A peia se constitui, dessa forma, em uma experiência simbólica transformadora que permite ao sujeito, por um lado, a vivência dessas polaridades em tensão que, num estado consciente, não poderiam co-existir e, por outro lado, a possibilidade de integração dos conteúdos ocultos explicitados na experiência.

Sob a perspectiva da psicologia analítica, o conteúdo do símbolo é, em si, complexo e indecifrável em sua plenitude. Na concepção de SILVEIRA,

O símbolo é uma forma extremamente complexa. Nela se reúnem opostos numa síntese que vai além das capacidades de compreensão disponíveis no presente e que ainda não podem ser formuladas dentro de conceitos. Inconsciente e consciente aproximam-se. Assim, o símbolo não é racional nem irracional, porém as duas coisas ao mesmo tempo. Se é de uma parte acessível à razão, de outra parte lhe escapa para vir fazer vibrar cordas ocultas no inconsciente¹⁰⁴.

Para JUNG, há entre a consciência e o inconsciente uma relação de compensação, onde o inconsciente opera no sentido de complementar a parte consciente da psique através da geração de símbolos compensatórios, verificáveis nas análises dos sonhos, e que funcionam como substitutos às pontes "ruídas" entre consciência e inconsciência. A eficácia dos símbolos gerados, contudo, está condicionada à sua apreensão pelo consciente, como afirma o psicólogo.

A experiência já mostrou, há muito tempo, que entre a consciência e o inconsciente existe uma *relação de compensação*, e que o inconsciente sempre procura complementar a parte consciente da psique, acrescentando-lhe o que falta para a sua totalidade, e prevenindo perigosas perdas de equilíbrio. No nosso caso, como é de se

esperar, o inconsciente gera *símbolos compensatórios*, que devem substituir as pontes que ruíram, mas só o conseguem de fato, mediante a ajuda da consciência. É que os símbolos gerados pelo inconsciente tem que ser "entendidos" pela consciência, isto é, tem que ser assimilados e integrados para se tornarem eficazes. Um sonho não compreendido não passa de um simples episódio, mas a sua compreensão faz dele uma vivência¹⁰⁵.

A afirmação de JUNG ilustra bem os depoimentos anteriormente citados. A "bolha no pé", a inflamação do nervo, vômitos, diarréias ou qualquer que seja o sintoma evidenciado durante a peia, só terá eficácia simbólica se for "entendido" pela consciência. Da mesma forma, "a limpeza" traz um significado que deve ser percebido e entendido pelo sujeito, caso contrário, como dizia o padrinho Sebastião, "come-se o próprio vômito" da mesma forma que os cachorros.

Quando chega a força e baixa a disciplina, quando é chamada atenção, olha ai o nego se envergonhando e fazendo vergonha aos outros perante a Verdade. (...) Estamos atrás de colher a força e não de afastá-la. Mas quando Ela (a força) baixa ali no nosso meio, às vezes o cabra vomita, outros passam mal. **Meus irmãos, não vão fazer como os cães que vomitam e comem o mesmo vômito.** A nossa história hoje é essa: Caprichar pra não estar voltando pra comer o próprio vômito. (...) Muita gente não conhece, não sabe o que tem! Se faz muito do faceiro, mas não agüenta o tempo que vem. A gente chega cheio de confusão e quer um mar de rosas? Não é possível. Tudo o que a gente bota pra fora na hora do aperto é nosso. Olha bem direitinho porque saiu (...)¹⁰⁶.

A desatenção à peia ou a falta de conhecimento de suas causas equivale a "comer o próprio vômito" ou à não conscientização da experiência pois, segundo o líder daimista, tudo que se bota para fora na hora da peia é proveniente do próprio indivíduo. Essa fala sugere uma deficiência em interpretar o conteúdo simbólico da "limpeza". O complexo à ela associado estaria, dessa forma, agindo de forma livre e autônoma. Os complexos, embora não sejam em essência elementos patológicos, podem atuar como entidades autônomas e agem geralmente contra a consciência na forma de uma crítica do inconsciente¹⁰⁷. A saúde psíquica depende, dessa forma, da assimilação desses complexos. Essa assimilação, por sua vez, não deve ser somente intelectual, os afetos neles

¹⁰⁴ N. da SILVEIRA, *Op. Cit.*, p. 80.

¹⁰⁵ C.G.JUNG. *A prática da psicoterapia*, p. 117.

¹⁰⁶ A.P.ALVERGA. *Op. Cit.*, pp. 164, 165.

¹⁰⁷ Conforme tratamos nos capítulo anterior ao abordarmos o "mecanismo de espelhos" que constitui a peia coletiva.

condensados devem ser abreagidos, isto é, exteriorizados através de descargas emocionais¹⁰⁸. Esse processo fica explicitado no caso do instrutor de tênis e em outros relatos como o que segue. Na entrevista perguntei como a peia se dava "no psicológico", isto é, em sua dimensão psicológica..

(L.S.) Quando a coisa vai pro psicológico é quando você fica em depressão. Lá dentro, você não consegue expor aquilo e aquilo vai te cozinhando por dentro, cozinhando, até virar uma depressão. Ai você entra na depressão e não consegue sair mais. Para sair, primeiro, você tem que reconhecer que está ali naquele momento. Você está com aquele "defeito" psicológico e precisa saber identificá-lo. **Depois de identificá-lo, você tem que começar a trabalhar e não deixar ele se "auto-controlar"**. Isso é bem trabalhoso mas, apesar de tudo, você tem que estar consciente, estar com a consciência. Enquanto você é inconsciente você não consegue perceber o que é aquilo, quanto mais ainda tomar as atitudes que possibilitem eliminá-lo¹⁰⁹.

No depoimento, o sintoma (depressão) "cozinha por dentro" e não consegue ser exteriorizado. O primeiro passo está em reconhecer "que está ali naquele momento", identificá-lo, conhece-lo. Lembramos que esse processo não é intelectual e vem carregado de afetividade. Posteriormente, é preciso trabalhar esse "defeito psicológico" para que ele não se "auto-controle". A identificação e assimilação dos conteúdos ocultos evidenciados pela peia agem, portanto, no sentido de uma apuração psíquica do indivíduo, na medida em que reduzem a interferência negativa dessas entidades autônomas. Por outro lado, esses "inimigos sombrios", quando assimilados, tornam-se aliados.

(R.C.) O daime vai te ensinando, te mostrando como se faz para poder dissolver esses "egos"¹¹⁰. Não anular mas "amigar" essas forças. Não tem como você falar em aniquilar o lado sombrio e sim amigar, porque a história é você juntar os dois. Não que você está nas trevas, enxergou a luz e acabou. Não, a história não é essa, a história é você juntar os dois, fazer a ciência do Rei Salomão, unir o Bem e o Mal, porque tudo é divino, né? Se esse Tranca-Rua existe, se Lúcifer existe mesmo, é porque Deus fez, Deus criou e se estão nas funções deles é porque Deus quis assim. Então, há um respeito mesmo para as pessoas que estão conscientes, agora as que não estão conscientes "ai! meu Deus, ai! ai! ai!"¹¹¹.

¹⁰⁸ N. da SILVEIRA, *Jung: vida e obra*, p. 37.

¹⁰⁹ Entrevistado em 10/12/2003.

¹¹⁰ O informante fala dos "seus egos" se referindo às próprias falhas morais inconscientes, provenientes tanto dessa como de outras vidas.

¹¹¹ Entrevistado em 10/07/2004.

As mirações são, como a peia, experiências simbólicas. No contexto daimista, elas representam um merecimento ou uma graça e devem ser mantidas em segredo¹¹². É preciso também que o adepto esteja pronto para receber essa "luz", caso contrário pode não dar conta da experiência.

(R.C.) Até mesmo dentro de uma miração, **que é um modo mais espiritual de se ver**, se a pessoa não tem um preparo e tem um passado muito pesado, ela sofre uma peia, né? Porque essa transição de visão é difícil até pelo fato dos espíritos de pouca luz não permitirem que a pessoa consiga fazer esse "desligar espiritual". Se houver essa permissão, esses seres (de pouca luz) vão começando a ser sugados e já vai para um processo de cura, dentro do "hospital" (espiritual), o qual eles não querem, né? Então, dentro de uma miração mesmo, um pouco mais de luz que aconteça, a pessoa está sofrendo e está levando até uma peia, mas não dizendo que está apanhando, não, está havendo uma transição de "espaço espiritual" dentro da área da pessoa. Está apurando, é apuração, né?

Na fala acima, a miração é entendida como "um modo mais espiritual de se ver" e, caso a pessoa carregue um carma muito pesado e não tenha "um preparo" para enfrentar esse carma, a peia é inevitável. Acredita-se que para conseguir a miração¹¹³, o adepto deve antes "limpar-se" das "impurezas", isto é, dos maus hábitos, dos vícios, das falhas de caráter, etc., como indica a fala abaixo.

(R.C.) Eu sei que quando eu comecei a reconhecer "meus egos", comecei a ter mais visão dentro do daime. Porque antes eu tinha muito ego me perturbando e eu não tinha consciência disso e não via nada. Fazia o trabalho, apanhava, leva peia e tal. Ia lá, bailava, cantava mas não tinha sentido, era uma coisa muito mecânica. Hoje em dia, estar trabalhando, tentando dissolver ego por ego, as visões são melhores, eu tenho mais consciência do que está acontecendo: "ah, não. Não é hora de mirar não...vai trabalhando...agora, vai mirar, se prepara...agora chega...vai tomar daime...vai se limpar". Você vai ficando mais em sintonia com que está acontecendo¹¹⁴.

O adepto afirma que só começou a mirar, isto é, começou a "ter mais visão dentro do daime", depois de muito tempo, depois que começou a "reconhecer seus egos". Novamente reforça-se a idéia de que o caminho para o desenvolvimento espiritual passa pelo autoconhecimento. Para os adeptos, a

¹¹² Ouvi de algumas fontes que, quando se conta a miração, perde-se o direito à ela, isto é, não se "mira" mais. O adepto terá então que se esforçar para novamente merecer o privilégio de mirar.

¹¹³ A "permissão" para mirar, contudo, continuaria condicionada à vontade do próprio daime.

harmonia externa está condicionada pela harmonia interna, da mesma forma que a desarmonia externa tem como causa principal a desarmonia interna.

(L.S.) Eu sei muitos dos meus defeitos onde estão. É automático, quando você começa a resolver o que está no interior, o exterior fica bem melhor, fica muito melhor. Há os que vão atrapalhar mas não tem força, não existe essa coisa, agora se você permite, eles vem e "pum", te pegam. Mas se você resolver tudo que está dentro, naturalmente, o que está fora não te atinge, fica longe de você. Ele se torna um aliado, porque não existe, não tem como você fazer sumir, não tem, é impossível¹¹⁵.

A fala acima, por um lado reforça as palavras de outro adepto que afirma: "onde há harmonia não tem peia". Por outro, reforça também a inevitabilidade e necessidade de se conviver, e desenvolver a convivência com os conteúdos "sombrios" exteriorizados, assim como acessar outros conteúdos ainda desconhecidos. Para os daimista, suas vidas encontram-se em constante interação com o sobrenatural, mesmo que inconscientemente. A influencia desses seres pode se dar através de pensamentos, emoções, gestos, atos, etc.. Ao enfrentar um aspecto antes desconhecido da própria personalidade e trabalhar no sentido de "tornar amigo o inimigo", através de um maior conhecimento sobre si e correção consciente da própria conduta, o adepto estará "se doutrinando" e "doutrinando" os seres espirituais que o acompanham. Essa tarefa requer coragem pois indica a constante exploração do desconhecido, como indicam as palavras do padrinho Sebastião.

Vocês vivem é correndo, com mais medo do que coragem. É preciso coragem pra Ser. Eu conheço Preto-Velho, conheço todos os Exus e Pomba-giras, pais-de-santo (...). O meu conhecimento é total. Andei no fundo do mar lá no Rio de Janeiro. Lá eu entrei no mar. Era do tipo de uma peneira de buraco bem fininho. E ouvi uma voz dizer: "Olha, tá preparado pra passar? Não é fácil...". Para poder Ser, tem que conhecer, tem que conhecer de tudo para poder ser (...)¹¹⁶

Entendemos que há uma analogia entre a idéia de doutrinação espiritual daimista e o processo de dissolução e agregação dos complexos. Em ambos, não se deve ignorar a ação negativa das

¹¹⁴ Entrevistado em 10/07/2004.

¹¹⁵ Entrevistado em 10/12/2003.

"entidades sombrias"¹¹⁷, pelo contrário, deve-se conhece-las e torná-las aliadas. Sebastião Mota fala sobre a necessidade de domina-las.

Ainda não sei mexer com eles todos os espíritos, mas estou trabalhando para fazer de todos eles amigos.muitos deles tem um conhecimento verdadeiro de um Deus sobre todas as coisas. Quem aceita e afirma este conhecimento tem a vida eterna. E o que não aceita, termina para sempre, tem a morte eterna. (...) Então, eu digo que, de todos os espíritos que eu conheço, os que tem mais importância para mim, são os que acompanham o verdadeiro Juramidam, aquele que nesse mundo, em outra época, chamou-se Cristo. (...) Então, o meu desejo era chegar até onde eles estavam e ter o conhecimento do que somos, ajudar esses sofredores. (...) E vocês, se não esmorecerem, vão aprender também a dominar eles todos. Tratar eles com muito carinho, porque também são irmãos!"*Eu faço dos meus inimigos, cordas do meu coração*¹¹⁸.

A compreensão dos símbolos pode variar grandemente. O símbolo é de natureza polissêmica, isto é, vem dotado de múltiplos significados. A caracterização do símbolo feita por TURNER não vai contra essa concepção, pelo contrário, a reafirma no âmbito dos processos rituais por ele estudados.

Para o antropólogo,

Um único símbolo, de fato, representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco. Seus referentes não são todos da mesma ordem lógica, e sim tirados de muitos campos da experiência social e de avaliação ética. Finalmente, os referentes tendem a aglutinar-se em torno de pólos semânticos opostos. Num pólo, as referentes (sic!) são feitas a fatos sociais e morais, no outro, a fatos fisiológicos¹¹⁹.

Na análise da função terapêutica da peia, averiguamos que disfunções acentuadas na relação consciente-inconsciente podem ser psicossomatizadas. A partir de RAMOS verificamos que, na relação psique-corpo, o sintoma age como símbolo que intermedia a integração de conteúdos inconscientes da sua polaridade orgânica para a abstrata. No contexto ritual analisado, pensamos que esses sintomas-símbolos compõem a peia, como nos vômitos, diarreias, dores, desconfortos, tonturas, etc. Averiguamos em todos os depoimentos colhidos que a questão física é sua principal, porém não

¹¹⁶ A.P.ALVERGA, *Op. Cit.*, p. 138.

¹¹⁷ Uso o termo "entidades sombrias" para me referir aos seres espirituais de pouca luz, assim como aos complexos pouco ou não integrados.

¹¹⁸ A.P.ALVERGA, *Op. Cit.*, p. 145.

única, caracterizadora, dessa forma, embora não a possamos restringir às modificações fisiológicas, é principalmente através dessa ação que a peia é percebida. Mesmo nos relatos onde se descreve uma peia em miração, ela vem associada à idéia de despreparo para a experiência e, via de regra, se reflete no organismo. Os experimentos de JUNG com as associações avaliavam, através da utilização de equipamentos específicos, alterações orgânicas (respiração, batimentos cardíacos, etc.) nos indivíduos quando certas palavras-indutoras atingiam certos complexos. Para RAMOS, quando há a constelação de um determinado complexo, é possível averiguar não apenas alterações de ordem fisiológica, como revelado nos experimentos com as associações, mas uma *transformação na estrutura corpórea total, quer o indivíduo a perceba ou não*¹²⁰. A autora prossegue ao afirmar que *essa transformação pode ser sentida como um mal estar indefinido ou expressar-se numa sintomatologia mais clara*¹²¹.

Pensamos que o processo ritual daimista se constitui de forma a dar visibilidade e significação a esses sintomas-símbolos do inconsciente. JUNG afirmava a eficácia dos ritos para a manutenção do equilíbrio psíquico de seus pacientes (grifo nosso).

(...) estou plenamente convencido da extraordinária importância do dogma e dos ritos, pelo menos enquanto **métodos de higiene**. Se o paciente é católico praticante, eu o aconselho a confessar-se e a comungar (...) ¹²².

JOHNSON afirma que para proceder ritualmente na abordagem da sombra, e ter com ela um relacionamento criativo, deve-se inicialmente ter o controle sobre o conteúdo de seu ego e de sua sombra.

Ninguém pode fazer algo com uma parte da sua natureza sobre a qual nada sabe. Os heróis medievais precisavam matar dragões; os heróis modernos precisam levar seus dragões de volta para casa para integrá-los a suas próprias personalidades¹²³.

¹¹⁹ V.W.TURNER, *O processo ritual*, p. 71.

¹²⁰ D.G.RAMOS. *Op. Cit.* p. 42.

¹²¹ *Ibid*, p. 42.

¹²² C.G.JUNG. *Psicologia e Religião*, p. 49.

O autor argumenta que *uma vivencia simbólica ou cerimonial é real e afeta a pessoa da mesma forma que um fato real*¹²⁴. Dessa forma, o ritual funciona como equilibrador das funções psíquicas na medida em que abre a possibilidade para a manifestação da sombra em nível simbólico. Esse contato com a sombra, via de regra, é difícil e muitas vezes doloroso, pois o adepto se vê de frente com seu "outro eu", negado em si mesmo. A sensação de inferioridade e de humilhação são freqüentes, contudo, nas sombras encontram-se também qualidades e potencialidades igualmente ocultadas. O sujeito ao integrar conteúdos antes inconscientes, torna-se menos fragmentado interiormente e sujeito à ação negativa da própria sombra. Em acréscimo, agrega também qualidades antes desconhecidas ou ignoradas. A peia age, dessa forma, como um "processador simbólico" capaz de desagregar complexos e auxiliar na sua integração. A peia trabalha também no sentido de "preparar" o adepto para a miração, dando-lhe firmeza. Isso corresponde ao desenvolvimento da capacidade de representar simbolicamente os conteúdos inconscientes, simbolizando-os de modo menos acentuado em sua polaridade mais orgânica, isto é, a peia sentida no corpo, em direção a uma simbolização mais abstrata, ou a miração.

Não queremos limitar os efeitos terapêuticos da peia à análise, fazê-lo seria incorrer numa dupla redução. Por um lado, estaríamos reduzindo o fenômeno da cura no Santo Daime e em outras linhas ayahuasqueiras, por outro, reduziríamos também o processo de individuação de JUNG. O recorte feito, entretanto, forneceu algumas ferramentas teóricas para uma abordagem mais próxima da subjetividade da experiência, e com isso, nos possibilitou visualizar com maior clareza a peia enquanto elemento de cura.

A cura, por sua vez, é a motivação principal dos participantes do culto, constitui-se como um processo e agrega todos os níveis da vida do indivíduo. O principal direcionamento da cura é a

¹²³ R. A. JOHNSON, *Magia interior: como dominar o lado sombrio da mente*, p.49.

¹²⁴ *Ibid*, p. 50.

libertação do espírito das armadilhas da ilusão. O apego ao mundo material torna-se uma ameaça ao desenvolvimento espiritual e fonte de doenças, são “pensamentos trocados”, “enroscos”. A doença nessa lógica é inevitável, pois é produto do processo de autoconhecimento. Em termos psicológicos, a doença e seus sintomas são símbolos que possibilitam a integração dos conteúdos causadores de doença. A peia, assim, simula o mesmo. Efetuaremos agora algumas breves considerações sobre a realização dessa pesquisa e dos resultados obtidos. A escolha dos fiscais como fonte de informação mostrou-se adequado e foi comprovado pela qualidade das entrevistas, a minha participação como fiscal permitiu também desenvolver uma maior sensibilidade para as situações descritas. Também em relação aos fiscais, as entrevistas todas foram realizadas em locais afastados da igreja. Essa foi uma decisão pessoal do pesquisador para que não fossem entrevistados fiscais "pegados", isto é, sob o efeito do daimon “comportamento”, seus sintomas são associados com os mesmos “ enroscos” que podem vir a se tornar doenças. A rebeldia, a falta de atenção, etc., ajudam a impedir a materialização desses conteúdos patogênicos na medida que ao expo-lo constantemente, impedem a sua cristalização. Dessa forma, embora as pessoas em geral não gostem de “levar” peia ou "estar" na peia, essa acaba sendo bem-vinda quando compreendida pois indica uma correção, ou algo novo, um novo conhecimento sobre si mesmo e sobre os outros e, principalmente, a higienização física, mental e emocional. Ela deixa marcas profundas na vida dos indivíduos e, quando abrange o grupo ou os grupos, torna-se registro histórico das dificuldades passadas e vencidas. Traz em si, enfim, os sofrimentos do antes e a esperança do depois, e a certeza de que é passageira, desde que haja, da parte de quem passa por ela, um esforço para a transformação pessoal em adequação aos preceitos doutrinários.